

Rev.

V.

Res 30

12  
229

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL

4

ANO I

Nº 1

# ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRAZIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETARIO DA REDACÇÃO: E. de Campos — EDITOR: Pedro Bordallo Pinheiro

N.º 1

15 de Novembro de 1915

## SUMARIO

<i>Atlantida</i> .....	João de Barros
<i>O Sonho da Atlantida</i> .....	João do Rio
<i>Ruth</i> .....	Olavo Bilac
<i>A chavena de chá</i> , reprodução inédita de um quadro de .....	Columbano
<i>... Quand on ne s'aime plus</i> .....	Julio Dantas
<i>A Revolução de 1640 e o terror bragantino</i> .....	Theophilo Braga
<i>Ramalho Ortigão</i> , reprodução do desenho de .....	Sargent
<i>Ramalho Ortigão</i> .....	Luiz da Camara Reys
<i>Um Diplomata do Imperio</i> .....	Velloso Rebello
<i>Os Dois Sebastianistas</i> .....	Afonso Lopes Vieira
<i>Campos da minha terra</i> .....	Teixeira de Queiroz
<i>Relações Luso-Brazileiras</i> .....	Moreira Telles
<i>Romance d'um escultor</i> .....	Manoel de Sousa Pinto

### REVISTA DO MEZ

<i>O novo Presidente da Republica Portuguesa</i> .....	João de Deus Ramos
<i>O Senador Azeredo</i> .....	J. B.
<i>Navegação entre Portugal e o Brazil</i> .....	Mario Carvalho
<i>Os Theatros</i> .....	Avelino d'Almeida
<i>Olavo Bilac em S. Paulo</i>	
<i>Maria Augusta Bordallo Pinheiro</i>	
<i>Livros</i>	

### NOTICIAS & COMENTARIOS

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

### PORTUGAL, ILHAS E COLONIAS

Um anno (12 numeros) .....	2\$80
Seis mezes .....	1\$50

### BRAZIL

Um anno (12 numeros) .....	Moeda brazileira	12\$00
Seis mezes .....	»	7\$00

### PAIZES DA UNIÃO POSTAL

Um anno (12 numeros) .....	Frs. 15
----------------------------	---------

**Numero avulso em Portugal \$25**

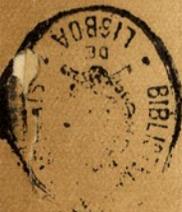
REDACÇÃO: Rua Barata Salgueiro, 41 r/c } LISBOA  
ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 }

1100  
MAR. 1939

A SAIR EM 15 DE NOVEMBRO

# ATLANTIDA

## MENSARIO ARTISTICO, LITERARIO E SOCIAL PARA PORTUGAL E BRAZIL



Sôb o alto patrocínio de S. Ex.<sup>as</sup> os Ministros  
das Relações Exteriores do Brazil  
e dos Extrangeiros e Fomento de Portugal.

DIRECTORES :

Paulo Barreto (João do Rio)

da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa

e

João de Barros

SECRETARIO DA REDACÇÃO

Elisio de Campos

EDITOR

Pedro Bordallo Pinheiro

Redacção: RUA BARATA SALGUEIRO, 46, r./c.

Administração: LARGO DO CONDE BARÃO, 49

LISBOA

**H**A muito tempo que a publicação d'uma revista literaria, que defendesse e representasse as aspirações e os interesses comuns do Brazil e de Portugal, se impunha e se tornava indispensavel. Por varias vezes os directores da «*Atlantida*» procuraram realizar essa legitima ambição, — mas encontraram sempre tantas e tão grandes difficuldades da parte dos editores mais habilitados a faze-la vingar, que tiveram de desistir da sua ideia. No entanto, esta sempre lhes pareceu digna do aplauso e do apoio incondicional do publico.

Por isso mesmo, e sem deixar de reconhecer o quanto e como a empreza é agora, mais do que nunca, árdua e trabalhosa — mercê da pessima situação economica de quasi todo o mundo — veem hoje pedir esse apoio e esse aplauso para a iniciativa que finalmente é posta em pratica. E não esperam um momento mais tranquilo, e condições mais vantajosas, para lançar a «*Atlantida*», porque entendem que não ha o *direito moral* de esperar mais.

Assim é, com efeito. As circumstancias especialissimas creadas pela guerra europeia, determinaram um irresistivel movimento de solidariedade entre aqueles paizes e aqueles povos que vivem d'um mesmo ideal, que se alimentam da mesma tradição ou que descendem do mesmo tronco originario. Assistimos hoje a um espectáculo prodigioso, dia a dia mais belo e mais fecundo: — na Europa, á união espiritual estreitissima de quasi todas as nações latinas; na America, ao predomínio, hora a hora mais seguro, do chamado *espírito americano*.

Parece que chegámos a um instante unico na historia da Terra, em que se vão unir definitivamente, para uma acção de conjunto, os grupos humanos que teem entre si afinidades e relações, que só unidas e amalgamadas poderão produzir o maximo da sua força e do seu esplendor! Os pequenos esforços, os pequenos desejos, as pequenas ambições de cada uma

das nacionalidades que talvez venham a compôr uma futura e maior coletividade ethnica ou social, fundir-se-hão n'um grande desejo, n'uma grande ambição, n'um esforço formidavel — para maior brilho e utilidade da civilisação do globo.

E', pois, esta a occasião de se comprehenderem mutuamente, de se estudarem, de se aproximarem uns dos outros, os povos que entre si possuem fortes comunidades de sentimento, afinidades de raça, similhaça de temperamento e de estrutura psiquica. Dentro da vasta familia latina — o Brazil e Portugal são, mais do que nenhuns outros paizes, fraternaes e similhaentes. E' uma banalidade afirma-lo. E' uma inutilidade repeti-lo. Acontece, porém, que não se conhecem. Ou conhecem-se tão pouco e tão mal — que esse conhecimento é por vezes peor, na sua inevitavel injustiça, de que um desconhecimento completo. Portugal, sobretudo, ignora o Brazil.

E' precisamente para que Portugal conheça o Brazil e para que o Brazil mais se aproxime de Portugal e melhor o conheça, que se vae publicar a «*Atlantida*». Fazendo-o, não queremos senão continuar dentro da nossa esphera de influencia, o esforço de comum aproximação que os dois governos — o Brasileiro e o Portuguez — têm desenvolvido e mantido nos ultimos cinco anos, e a que tão notavelmente soube dar realce, quando nosso Embaixador no Rio de Janeiro, o actual Presidente eleito da Republica Portugueza. E' uma obra patriotica esta nossa. E ensinando as duas democracias, que o Oceano Atlantico separa, a melhor amar-se e comprehender-se, a «*Atlantida*» tentará substituir, no dominio intelectual e social, aquele lendario continente que d'antes ligou a America á Europa, e que só seria carinhoso e hospitaleiro se tivesse como ambiente a mesma atmosfera amovel, que nós sonhamos para sempre estabelecer entre o Brazil e Portugal: — um ambiente de mutuo afeto e de solidariedade perfeita.



A «*Atlantida*» occupar-se-ha de todos os assuntos que interessassem aos dois paizes, desde os assuntos de permanente oportunidade, até áqueles de actualidade mais rapida e flagrante. Arte, literatura, sciencia, commercio, industria — tudo será versado nas paginas da nossa revista, com a competencia, o cuidado, a intelligencia de que dão sobejas garantias os nomes dos colaboradores que temos convidado.



No primeiro numero, a sair em 15 de Novembro proximo, a «*Atlantida*» inserirá colaboração litteraria de :

Theophilo Braga, Guerra Junqueiro, Olavo Bilac,  
 Veloso Rebelo, Coelho Neto,  
 Teixeira de Queiroz, Julio Dantas, Moreira Teles,  
 João do Rio, Manoel de Sousa Pinto, Afonso Lopes Vieira,  
 Joaquim Manso, Luis da Camara Reis,  
 Herculano Nunes, Hermano Neves, João de Barros, etc.  
 e colaboração artistica de :  
 Columbano Bordallo Pinheiro, Raul Lino e J. de Morim, etc.

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

### PAGAMENTO ADIANTADO

#### PORTUGAL ILHAS E COLONIAS

Um anno (12 numeros) . . . . . 2\$80  
 Seis mezes . . . . . 1\$50

#### BRAZIL

Moeda brasileira

Um anno (12 numeros) . . . . . 14\$000  
 Seis mezes . . . . . 8\$000

#### PAIZES DA UNIÃO POSTAL

Um anno (12 numeros) . . . . . Frs. 10

**Numero avulso em Portugal \$25**

**A sair em 15 de Novembro**

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.<sup>AS</sup>  
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES  
DO BRAZIL  
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO  
DE PORTUGAL

R.111

7

# ATLANTIDA

REVISTA LITTERARIA E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRASILE

FORO ALTO PATRONADO DE S. M. A.  
E INSTITUTO DAS LINGUAS PORTUGUESA  
E BRASILEIRA  
E DOS ESTUDOS DE LINGUAS  
E LITTERATURAS DE PORTUGAL

PALAVRAS DE S. EX.<sup>AS</sup> OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRAZIL E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO DE PORTUGAL.

Desejo para a *Atlantida*, que se inicia com tão alevantados ideaes, a prosperidade que será apenas o desenvolvimento da propria obra.

Rio de Janeiro, 1915.

LAURO MULLER.

A sua iniciativa, — meu querido amigo, — é bem digna da sua fé patriotica, do seu ardente e sadio entusiasmo pelas «nossas coisas», da sua admiração, exuberante e suggestiva, (ia a dizer absorvente), pela grande nação brasileira.

Os homens que governam faltam desastradamente á sua missão se ao amparo d'iniciativas d'estas não sabem pôr todo o seu valimento. E não devem ser vocês os agradecidos. . .

Lisboa, 1915.

AUGUSTO SOARES.

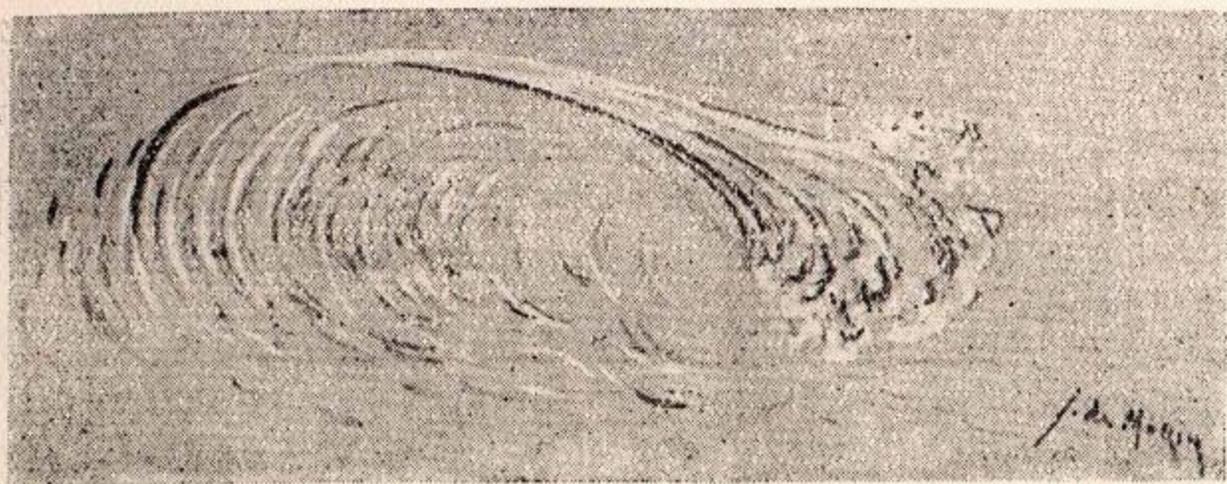
E'-me grato saudar na *Atlantida* um esteio seguro da indispensavel aproximação, intelectual e economica, entre as duas Patrias irmãs.

Lisboa, 1915.

MANUEL MONTEIRO.

11

+



## «ATLANTIDA»

---

Estas primeiras palavras para a *Atlantida*, escrevo-as em face do Mar — do Mar carinhoso e terno do meu paiz, do Mar altaneiro e forte, por onde os navios velozes demandam a larga hospitalidade das praias brasileiras.

Foi n'um meio dia assim, com sol contente brilhando na proa envernizada do *Amazon* que eu, ha tres annos, parti para o Rio de Janeiro. As gaviotas voavam, brancas, sobre o Tejo claro. Ao longe, a linha do horizonte era curva como um abraço lento. A aragem salgada ciciava como um longo beijo. Os amigos, de terra, acenavam-me o seu ultimo adeus. E eu sentia, infavelmente, de mistura com a saudade das pessoas queridas que deixava, o contentamento supremo de quem vae realisar uma ambição ha muito sonhada, um sonho ha muito acariciado no mais intimo do coração. . .

Ia ver o Brazil, enfim! Ia ver essa terra, que eu sempre considerára irmã da nossa, — e tentaria auscultar a sua palpitação profunda, a sua existencia intima e verdadeira, a febre de trabalho e de progresso que d'aqui presentira. E, sem outra ideia que não fosse o contribuir para a aproximação estreita dos dois povos, ia levar uma mensagem

de lirismo aos escritores que tão bem sabem, além-Atlantico, propagar, embelezar e engrandecer a lingua e — porque não dize-lo? — a alma e a vida espiritual portuguezas. Uma esperança ilimitada fazia-me pulsar o sangue com mais força. O entusiasmo exaltava-me os nervos. E a certeza d'uma nobre, d'uma grave missão a cumprir preocupava-me a tal ponto, que durante toda a viagem — do Tejo ao caes Pharoux — passei alheado de tudo e de todos, ora seguro do exito que desejava, ora receoso da minha mais que reconhecida incompetencia para alcança-lo.

Talvez que essa certeza, que esse entusiasmo, que essa esperança pareçam exageradas para quem meça bem o pouco valor de quem as possuia, e a situação respectiva do Brazil e de Portugal. Certamente o eram. Mas eu via isto: — um enorme paiz unico, separado pelo Oceano, um só paiz imenso, que na Europa tivesse as raizes indispensaveis d'uma tradição, e na America a energia, a fé, o amor, ainda mais indispensaveis, da juventude permanente e creadora! Esquecia as historias rabujentas, que ás vezes me contavam, de desinteligencias entre portuguezes e brasileiros. Esquecia a distancia. Esquecia a má vontade que certos elementos estrangeiros teem procurado despertar entre as duas nações. Esquecia a inercia estúpida de certos governos nossos. Só me lembrava de que, nas antologias portuguezas que desconhecessem fronteiras, o nome de Bilac devia enfileirar ao lado do de Junqueiro, os nomes de Machado d'Assis e de Coelho Neto tinham de aparecer juntamente com o de Eça de Queiroz. E mais pensava, tambem, que toda a sorte de interesses, dos moraes aos economicos, dos espirituaes aos praticos, faziam de Portugal e do Brazil uma comunidade perfeita, com o mesmo ideal latino, com a mesma força de intelligencia e de alma, com a mesma perfeita sensibilidade social.

De resto, um entusiasmo tão grande como aquelle que

me animava, tinha-o eu verificado nas minhas longas palestras com um grande e ilustre camarada brasileiro: — com Paulo Barreto, quando da sua estada em Lisboa, em 1909. Paulo Barreto é, com efeito, um velho e constante amigo de Portugal — sendo, simultaneamente, um patriota sincero em tudo e por tudo que diz respeito á sua terra. A ideia da publicação da *Atlantida* a ele se deve, fundamentalmente. Ela nos ligou logo do principio; e desde essa época longinqua nunca mais nos abandonou. E, se chegámos um dia quasi a desanimar de pô-la em pratica, não foi nunca por culpa nossa... Simplesmente, as dificuldades pareciam insuperaveis. Todos m'o afirmavam, todos — até ao momento em que eu, chegado ao Rio de Janeiro, pude reconhecer, *palpar*, apreender que todas as iniciativas que visassem a um estreitamento de relações entre os dois paizes, seriam recebidas de braços abertos. Teriam o aplauso tanto dos escritores e artistas como dos politicos, tanto dos homens de sciencia como dos industriaes e commerciantes.

Uma impressão exacta e dominante, eu trouxe, com efeito, do Brazil, eu adquiri, pelo menos, na minha viagem rapida: a impressão de que Portugal não se fazia conhecer como devia; e de que o Brazil se magoava por não encontrar em Portugal aquele conhecimento e apreço que merece o seu admiravel surto de progresso, o seu prodigioso desenvolvimento material e intelectual. Mágoa justa — e justificadissima, alias! Falar a mesma lingua, representar a mesma raça, ter uma formula comum de civilização — e viverem tão separados um do outro como até ha bem pouco tempo viviam os dois povos, eis um facto extranho, que não me pertence explicar, mas que era altamente prejudicial, tanto para portuguezes como para brasileiros e, sobretudo, creio — para o papel que qualquer das duas Republicas teem de desempenhar na vida internacional do globo. E

Portugal tem de ser para o Brazil, — tudo o indica! — o seu porto de ligação com a Europa.

Esta situação, evidentemente desagradavel, tem melhorado e melhora dia a dia — pela boa vontade, pertinaz e lucidissima, dos governos dos dois paizes e dos seus respectivos representantes. Quer isto dizer que seja optima? De modo nenhum. Quer apenas dizer que é necessario acordar uma identica boa vontade em todas as classes sociaes, aqui e alem-Atlantico. Quer apenas dizer que, sendo a acção dos governos pautada, como é, pelas aspirações inconscientes dos dois povos — se torna indispensavel dar consciencia a essas aspirações, mostrar a razão profunda da solidariedade que as une, e, se me permitem a expressão, desvendar, uma perante a outra, a alma brasileira e a alma portugueza. Pretende-se que entre elas exista um affecto que não seja só affecto — mas aproximação total de espiritos, de desejos e de almas.

Não se julgue uma pomposa frase de retorica, esta minha. Pois se nem literariamente os intellectuaes portuguezes conhecem bem o Brazil! E, no entanto, o amor fervoroso que os escritores brasileiros teem pela nossa literatura, não significa somente uma preferencia literaria, e nem podia significa-lo: — é a manifestação superior d'uma tendencia geral de affectividade, sem duvida mal reconhecida.

Para que nem esse desconhecimento literario, nem o desconhecimento de qualquer outro factor de progresso e de melhoria intellectual ou social, continue a existir, e a envergonhar-nos — é que nos abalançamos a publicar a *Atlantida*. Acima de tudo — pretende crear-se um orgão de aproximação reciproca, em que se traduzam e expressem as energias, as ambições, os ideaes dos dois povos. Decerto que, para justificar o aparecimento d'esta revista, se poderiam invocar mil motivos d'ordem imediatamente

pratica para um ou para ambos os paizes. A verdade, porém, é que só um motivo nos guiou — a Paulo Barreto e a mim — e um motivo d'ordem moral: — erguer até ao conhecimento perfeito e amavel das suas tendencias e dos seus esforços as duas nacionalidades. Mais nada. É pouco? É muito? O Futuro o dirá. Mas as intenções são tão levantadas e tão grandes, que não será orgulho excessivo proclama-las assim. Nem confiança absurda esperar que elas se realizem, com a cooperação de todos aqueles que hoje constituem, pelas suas obras e pelo seu talento, as maiores razões de existir para o Brazil e para Portugal.

Não nos será negada tambem a colaboração de gente moça. A mocidade sabe palavras novas, que é preciso dizer, e traz ambições maiores, que é belo realizar. A nossa empreza é, talvez, grande demais para as nossas forças. Mas as nossas forças são inquietas demais para a não tentarem... D'este modo, a *Atlantida* surge com um pouco de espirito aventureiro dos velhos navegadores portuguezes e com muito da energia ardente e moça que deu ao Brazil o seu esplendor de civilização. E em frente do Mar — que, n'esta hora de sol pleno, é todo uma fulguração de luz triumphante — não duvido já dos destinos da *Atlantida*: — ela será como uma grande voz, de multiplos echos, a vibrar na mesma palavra de amor sobre as duas margens distantes do vasto Oceano, que a leva cantando, e cantando a faz voar d'onda em onda.

S. Martinho do Porto, 5 d'outubro de 1915.

JOÃO DE BARROS.

## O sonho da Atlantida

---

Na noite velludosa, a concha do firmamento jorrava o esplendor das estrellas. Eram aos milhares as luzes, em enxames inquietos como insectos d'oiro, em montões de neve ardente pela via-lactea, em constellações carbunculantes, em fulgores solitarios. O barco vinha da Europa, entrava o Equador. Passava de um mundo a outro mundo, deixava um céu por outro céu. Solitario, na alva ponte, ouvindo o mysterio do vento, sentia para mim só a orgia luminosa d'aquelle fogo de vistas infinito. Na caudal leitosa da estrada dos deuses ardiam espumas de diamante. Estrellas havia côr de oiro, outras de saphiras amarellas, outras de verde claro, outras alaranjadas. Todo esse estendal estilhaçado de pedrarias palpitava, vivia, parecia animado de um sopro de vida consciente. A luz que se projectava era tanta que o ar clareava de reflexos, as remotas distancias do Oceano estavam d'apparencia proximas, e no friso das vagas, na espuma das ondas, luzes corriam phosphorescentes, irmãs gemeas do fulgor celeste.

O barco cortava o mar, pejado de emigrantes. Cada um d'elles devia aninhar no coração a esperanza da felicidade. Viajar é sempre caminhar com esperanza. E naquelle ponto do oceano, desde seculos remotos o espirito humano collocara a ilha da felicidade.

Quantos pensariam em tal hora como eu pensava? Quantos olhariam o novo ceu? Os pensamentos guias das gerações são poucos. Os povos seguem-nos por instincto. Ninguem talvez no barco imaginaria estar passando pelo lugar onde a imaginação pensou colocar *A Atlantida* . . .

Mas a natureza abria um sendal de diamantes que se fundiam, de oiros que derretiam, de ardores que faziam cair do céu sobre o mar todas as ancias, todos os impetos, todos os desejos, todas as esperanças que as luzes accendem na alma dos seres terrestres.

Olhei o céu. Meditei o maior sonho do homem, enebriado, preso ao clarão das estrellas. E a minha pobre alma estalava ao zunido do vento, em extase deante da fogueira universal! . . .

— Como é remota a idéa da ilha da felicidade! Como é antigo o sentimento de que é preciso viajar e andar muito por mar para encontral-a! Cada luz d'astro trazia-me uma recordação. Eu lembrava a Ogygia d'Homero, a Pancaia de Diodoro, a Vaccac de Simbad, o arabe, e o sonho dos celtas á procura do pomo d'ouro que devia estar numa ilha. Eu recordava Hesiodo, e o que diziam sacerdotes do Egypto e da Caldéa. Eu pensava em velhos mappas ingenuos da idade média, onde a ilha apparece sempre sem lugar determinado, — grande mentira que devia ser realidade. Isidoro de Sevilha acceitou-a. Boccacio tambem. Hensius chegou a fingir o começo do seu descobrimento na Ilha Raiz do Paraiso; Marignole, mandado por Benedicto XII, referiu que ella estava a cinquenta milhas de Ceylão . . .

Ella estava a principio por perto. Depois ficou no Oriente. E de repente todos voltavam a julgal-a no Equador, nesse oceano Atlantico, como a imaginavam os palestradores de Herodoto. Atlantico! Os arabes collocavam no Equador o castello de Arim, de máu accesso, e o thesouro de Iblis. No seculo primeiro, os enennianos fizeram o paraizo no oceano Atlantico. Os celtas seguiram a mesma rota de sonho. O purgatorio e o inferno passaram, como o paraizo, tambem para o Atlantico. Todas as fantasias orientaes não encontradas no Oriente enraizam por fim no segredo do Atlantico. Basta vêr os mappas de Mauro, de Sanido, d'outros. Basta lêr qualquer poema do seculo xi. No Equador a ronda transplantada dos cynocephalos, dos macrobios, dos cyclopes, dos amazonas. A ilha da felicidade, a Kanaca-puri dos indianos, a bolutú dos polynesios, no Atlantico.

Porque essa intuição devinatoria das raças?

Sob a chuva de estrellas, surgia-me na memoria a narrativa dos sacerdotes de Saïs a Solon, legislador de Athenas.

— «Contam os nossos livros como Athenas destruiu um poderoso exercito, que vindo do oceano Atlantico insolentemente

invadira a Europa e a Asia. Nesse tempo era possivel atravessar o oceano e nelle se encontrava uma ilha em frente ao estreito que nossa lingua chama Columnas d'Hercules. A ilha era maior que a Lybia e a Asia reunidas, e n'essa ilha Atlantida os reis haviam formado grande e maravilhoso poder.»

E depois de dar a vitoria dos athenienses :

— «Mas houve depois um terremoto e a ilha desapareceu tragada pelo oceano. Eis porque ainda hoje os navegadores encontram o obstaculo insuperavel na vasa que a ilha deixou ao afundar-se» . . .

Ingenuos sacerdotes de Saïs! As fabulas são as unicas verdades resistentes.

As verdades são fabulas realizadas que por isso deixam sempre de interessar. Athenas desapareceu. O mundo transformouse. Os seculos passaram. A fantasia de Platão foi a crescer cada vez mais. Até que um dia, um homem rojou por todas as costas d'Europa, armou trez náus, fez-se ao mar e, atravessando pela primeira vez o diluvio astral do Equador, disse :

— É aqui!

Era Cristovam Colombo. Com elle a Iberia ficou ao lado das columnas d'Hercules, como o pharol perscrutador do Atlantico, como o descobridor do paraiso, como o organisador da Atlantida do sonho egypcio, dando a terra de maravilha a nova raça resistente dos atlantides . . .

Tudo depende da imaginação, poderão dizer. Mas principalmente da capacidade plasmar dos ambientes. Os meus grandes momentos de exaltação que são a illusão de ver melhor, sempre os tive nos oceanos, nos grandes mares. Apenas entre o epinicio que os meus nervos cantam no Mediterraneo e a chama que arde nas minhas arterias atravez do Atlantico, vae a diferença radical entre o louvor da perfeição e a vontade de tudo fazer. No Mediterraneo caminhamos no esplendor do mar que tudo ensinou, tudo descobriu, tudo acabou, tudo aperfeçoou. De Suez a Gibraltar, da Grecia a Barcelona, germinaram, floriram, frutificaram todos os ideaes perfeitos, passaram os periplos multiplos da Belleza e da Cubiça, da Guerra e da Civilisação. A chama é louvor, é bençam, é oração, é pasmo, é voto. As gerações acumulam-se deante dos olhos da Memoria. O tempo é tão vasto para traz que Alexandre parece d'hontem, Annibal é contemporaneo,

e Julio Cezar vive na hora mesma em que vibramos. A obra realisada de sonho e carne foi de tal forma eterna que os deuzes continuam vivos a sorrir-nos e o cerebro pode resumir o mundo para deante e para traz em quatro typos das legendas homericas : Agamenon, a fatalidade sanguinaria que quer mandar em tudo, Akille, o heroismo, Odysseus, a Intelligencia, e Helena, a Belleza que tudo perde. O homem, resôo do mundo, murmura apenas :

— Ó tu, mar sagrado, criador de todas as perfeições e de todos os horrores, de todos os sonhos e de todas as maravilhas . . .

O Atlantico é porém, um resultante do espirito mediterraneo ; é a obra da tenacidade idealistica e pratica dos humanos. Fomos nós que o criamos para a vida, porque fomos nós que o disvirginámos. Elle é nosso, porque aos poucos fomos a descobril-o, a povoal-o, a dominal-o.

Deante desse immenso mar, olhando a superficie encapellada das ondas, sob a floresta de oiro dos mundos solares que o Mediterraneo apenas advinhava, nós vamos, não com o sentimento da perfeição realisada, mas com o espirito de conquista, de descobrimento, de fortuna ; nós procuramos no imperfeito a felicidade. O Atlantico é o mar da esperanza.

Shopenhauer dizia « — A felicidade está sempre no passado ou no futuro. O papel do presente é o de parecer-se com uma nuvensita corrida pelo vento para o plano ensolado. » O velho Hugo escreveu :

*Les philosophes pleins de crainte ou d'espérance  
Songent, et n'ont entre eux pas d'autre différence  
En revelant l'Eden et même en le prouvant  
Que le voir en arrière ou le voir en avant.*

No Atlantico todo o homem é a nuvem de Shopenhauer ou o philosopho de Hugo que vê adeante.

A maioria não passa de nuvens, nuvens que se fazem chuva fecundante na terra ardente. Mas desde Colombo, desde Pizarro, desde Pinzon, desde Pedr'Alvares, de anno para anno, de mez para mez, de semana para semana, de dia para dia, de hora para hora, cresce o turbilhão de creaturas partidas da Iberia para a America. Não encontraram a ilha maravilhosa ; encontraram um continente bravo. Levados na rajada da ambição desbravaram florestas, precipitaram-se nos rios, chantaram cidades, no sonho do oiro, no sonho das pedras preciosas, na furia de realisar a pe-

dra philosophal com as gotas do suor que o labor distilla. E como no tempo das *bandeiras* e dos vice-reis, das penetrações e dos saques, em que a morte era um Protheo a espiar, ora folha verde, ora agua de paúl, ora luz de sol desfazendo, talando vontades, ceifando esperanças, matando — hoje os bandos atravessam o Atlantico com o mesmo sonho da riqueza e da abundancia.

O Atlantico é o mar que os vê passar ha seculos; o Atlantico é o mar da historia contemporanea, é o oceano prova do heroismo das raças iberas, o guardador dos mundos novos — a massa d'agua estrada do futuro. Por elle sulcam as naus dos formadores de raças nas terras jovens; e nada melhor afirma a mocidade integral de taes heroes, a rijesa phisica e a tenacidade d'alma, a capacidade de sonhar e de realisar, a divina saúde da peninsula, o transbordamento de seiva de Portugal e de Hespanha, como esse mar que os viu fazer duzias de paizes, com a marca vibrante dos seus enthusiasmos e das suas energias. . .

Como não pensar em agir sob o céu do Equador, no oceano da esperança? Como não sonhar em realisar, em completar, em formar nas aguas do mar do Presente? O tempo torna grandes homens que foram iguaes a nós, e faz sorrir os mediocres dos homens d'hoje. No transatlantico, olhando o céu, feito de roseiras luminosas, eu pensava nos emigrantes da terceira. Que diferença entre os seres obscuros e os companheiros de Colombo, do Gama, ou de Pedro Alvares? Qual o oraculo que poderia recusar a um d'elles a gloria, a riqueza, a caricia da vida? Elles continuavam, continuavam a visão dos sacerdotes de Saïs, continuavam as conjeturas de Platão, continuavam as fantasias ambiciosas da idade média, continuavam a videncia de Colombo e do Gama, continuam as furias avidas dos capitães-mores e dos vice-reis, eram o impeto fatal da Europa para a criação da felicidade que o Atlantico guarda. Seriam amanhã portuguezes ou hespanhoes? Seriam brasileiros ou argentinos?

Apenas eu não os via sós, a querer. O transatlantico caminhava, e havia como que vozes na voz do vento, vozes de sedução, vozes de povos ambiciosos que o queriam para complemento, que o chamavam. Tragedia maior que todas as tragedias — em que se debatem interesses, cobiças, sonhos, amores — o drama da vida futura estava alli, naquelle mar.

E por elle andando, eu como os outros, todos os outros, sentia o filtro do mago Oceano estupendo. Não ajoelhava, não

orava. Pensava ir fazer mil obras de vigor e de energia, derrubar obstaculos, conquistar a felicidade, com a minha vontade, com o meu desejo, com a minha força, com o meu Querer.

A America não é Atlantida da lenda. Muitos, scientificamente, julgam que a Atlantida afundou; outros que nunca existiu. Para os poetas, expressões das raças, e para as raças, sonhadores collectivos, existiu sempre porém, e existe, e existirá. E' o ideal, a hypnose da coragem; é a gloria, é o triumpho, é o desejo que cada um tem de realisar-se, realisando. Os iberos vieram por ella e foram muito além plantar noutro continente a semente da energia, criando outros povos. E agora, sob o manto constellado do Equador, encontram-se as vontades de paes e filhos para a realização maravilhosa. Atlantida é a ilha onde está o pomo d'oiro da felicidade; Atlantida é a terra abstrata do conhecimento, do saber, da adivinhação; Atlantida é o élo dos sentimentos que se harmonisam á musica onde as nove musas se debruçam para o sorriso da humanidade, o grande abraço mental entre a Europa e a America.

Eternamente ella estará alli, no Equador, entre o céu antigo e o novo céu, entre a paysagem celeste do mundo antigo e a floresta estellar do mundo novo. Por ella passarão as ambições e os desejos, sem por ella dar. O espirito divino paira sobre as aguas, disse Boudha. Serão felizes aquelles que comprehenderem o espirito divino mantido atravez das éras na miragem da *Atlantida*; serão contentes os que tentarem a realização mental dessa obra que a torrente humana torna praticamente cada vez mais positiva, aquelles que se fizerem olhos e ouvidos e coração e cérebro, para sentir na ilha do dialogo de Platão, o desejo do entendimento dos continentes — Atlantida, grilhão que liga o querer unido das raças novas em marcha para o futuro, para a felicidade, para a perfeição...

O barco continuava de seguir. Batendo o capotame, arfava o vento sobre a ponte; e só, encostado á amurada, eu, naquella marcha de ambições, olhava no alto o derrame dos astros. E parecia que sobre as aguas iluminadas o Equador sacudia para o Bem, para a Graça, para a Ventura, para a Belleza, todas as arvores de pomos d'oiro da Atlantida celeste.

JOÃO DO RIO.



COLUMBANO — A chavena de chá

# Ruth

---

*Pede pouco! Mais tem do que um monarcha  
O pobre, tendo o pouco que pedia:  
É rico, achando, ao terminar do dia,  
Paz no espirito, e pão no fundo da arca.*

*Triste, ó alma, a ambição que o mundo abarca!  
Perde tudo quem quer a demasia.  
Poupa o riso e a alegria! que a alegria  
Tanto é mais doce quanto mais é parca...*

*Feliz, modesto coração, te dizes,  
Quando vais, como Ruth, em muda prece,  
Empós dos segadores mais felizes:*

*Feliz é o simples, que, feliz, procura  
Uma espiga apanhar da alheia messe,  
Um resto miseravel da ventura...*

Rio de Janeiro, 1915.

OLAVO BILAC.

## ...Quand on ne s'aime plus

---

*Ponto final. Adeus. Tinha previsto o fim.  
Quiz muito, quiz demais... O culpado fui eu.  
Se é que pôde morrer o que nunca viveu,  
Sinto que morreu hoje o teu amor por mim.*

*Fiz mal em vir? Talvez. Quizeste vêr-me : vim.  
Que placidez a tua e que sorriso o teu!  
Amor que raciocina é amor que morreu.  
Pode lá nunca amar quem se domina assim!*

*Tinha de ser. Adeus. Deixas-me triste e doente.  
Depois, qual é o amor que vive eternamente?  
Tudo envelhece, e passa, e morre como tu.*

*Nunca mais me verás. E' a vida, afinal.  
Dá-me o ultimo beijo e não me queiras mal...  
Il faut rompre en pleurant quand on ne s'aime plus.*

(Inédito)

JULIO DANTAS.

## A Revolução de 1640 e o Terror bragantino

---

Existia a revolução nos espiritos : o povo estava esgotado das constantes lévas para os Têrços de Flandres e para as Armadas contra a França e Hollanda ; o commercio portuguez soffria as hostilidades de Hollanda na sua lucta entre a Hespanha ; a nobreza de Portugal era excluida dos altos cargos, e arrebanhada para Madrid ; as Ordens monachaes eram forçadas constantemente a contribuirem para as luctas dos Estados protestantes, e pela sua prédica entre o povo alentava-o nas esperanças de revindicação da independencia nacional ; ligavam as prophecias danielicas com as esperanças britonicas. Lisboa era o ponto decisivo para a revolução que os acontecimentos impunham ; o Tejo ficou livre da Armada de Oquendo, e antes de se conhecer em Madrid a rebellião, (como amesquinhando o movimento nacional) já em todos os pontos de Portugal estava proclamada em plena unanimidade a Revolução do 1.º de Dezembro. Revolução sem sangue, como a de 1385, como a de 1820, e a de 1910. Como são forças moraes que acordam, apparecem como eponymos as capacidades mentaes de um João das Regras, um João Pinto Ribeiro, <sup>1</sup> um Manuel Fernandes Thomaz.

---

<sup>1</sup> Acerca de João Pinto Ribeiro, escreve Fr. Fortunato de S. Boaventura nos *Subsidios para se escrever a Historia litteraria de Portugal* :

«Quem foi, se não elle o primeiro e principal motor da restauração de 1640? Quem persuadiu e metteu ânimo ao Duque de Bragança para commeter uma das empresas maiores e mais arriscadas . . . Quem removeu as maiores difficuldades, levou ao fim aquella obra estupenda e maravilhosa que mais de uma vez chegou a pontos de falhar e perecer de todo? — Não teve, não conheceu outra ambição, que a de servir e melhor pudesse — a sua Patria e

Um dos primeiros actos de D. João IV, bem aconselhado pelo exímio jurisconsulto Thomé Pinheiro da Veiga, foi a convocação das Côrtes Constituintes, que se reuniram em Lisboa em 20 de Janeiro de 1641; convocados os deputados, dois cidadãos por cada cidade ou villa do reino, realisou-se a acclamação em 28 de Janeiro nos Paços da Ribeira. Acto sublime em que se proclamou o principio fundamental de todo o poder — a *Soberania nacional*, extincta pelo imperialismo da Casa de Austria contagiado a Dom Manuel. Esse principio foi lucidamente formulado pelo insigne jurisconsulto Francisco Valasco de Gouvêa, que a reacção catholica expulsara da Universidade de Coimbra; o livro *Justa Acclamação*, justificando a Revolução portugueza, juridicamente demonstra com nitidez como os povos em accôrdo das suas vontades, possuem o poder soberano, que delegam temporaria e conditionalmente nos reis.

A Musa jocosa tambem tomou sua parte nos acontecimentos politicos, celebrando a independencia de Portugal como uma separação por incompatibilidade entre conjuges :

MOTE E GROSAS QUE SE FEZ NA ACCLAMAÇÃO  
DEL REY D. JOÃO O QUARTO

Portugal e mais Castella  
nunca fôram bem casados,  
agora estão apartados,  
dizem que sem querer ella.

Um illustre cavalleiro  
chefre de sangue real  
por nome Dom Portugal,  
era mancebo solteiro.  
Vendo-o rico e sem herdeiro  
a um casamento anhella,  
toda a dama nobre e bella,  
Parma, Saboya e Bragança.  
casa emfim com má liança  
*Portugal e mais Castella.*

---

nem houve fadiga, nem obstaculo, nem sacrificio que o aterrresse ou fizesse esmorecer. Tinha sido Juiz de Trancoso, era Agente da Serenissima Casa de Bragança ao tempo que rebentou a conjuração portugueza; e ninguem o viu allegar serviços, quando ninguem os tinha como elle, nem solicitar galardão ou recompensa, que ninguem como elle merecia. Corre-se a lista das mercês feitas no reinado de D. João IV, e não apparece o nome d'este heroe . . .»  
(*Op. cit.*, p. 172).

O casamento foi feito  
 fóra da sua Igreja,  
 porque a cobiça sobeja  
 nem a Deus guarda respeito.  
 E como houve este defeito,  
 muitos d'elles encadeados  
 nasceram, que mallogrados  
 os fizeram de tal sorte  
 que por sempre lhe dar morte  
*nunca foram bem casados.*

Tinha a mulher taes costumes  
 que em vez de pedir a mão,  
 puxava de cabeção  
 ao marido com ciumes;  
 fez-lhe elle então seus queixumes  
 sentindo os juroes quebrados,  
 e os comêres tão salgados,  
 que o sal lhe tirava o gosto.  
 Em fim por quinto desgosto  
*agora estão apartados.*

Elle vive mui contente  
 por vêr que se desquitou,  
 ella o desquite chorou  
 que o bem perdido se sente;  
 cuida porém muita gente  
 que Portugal torne a vel-a,  
 mas se houver de recebê-la  
 será com festas de fogo  
 e pode ser seja logo,  
*dizem que sem querer ella.*<sup>1</sup>

Na obra do P.<sup>o</sup> João de Vasconcellos *Restauração de Portugal prodigiosa*, lêem-se factos que têm escapado á attenção dos historiadores. Assim da acclamação de D. João IV em Leiria, lê-se: «Com muita festa e contentamento de todos foi El-Rei acclamado na cidade de Leiria, levou a bandeira da Camara D. Luiz de Noronha, *Marquez* que foi de *Villa Real*, por seu filho D. Miguel, *Duque de Caminha*, lhe escrever de Lisboa, a muita mercê que El-rei lhe fizera de Duque e a elle de Marquez, dos quaes titulos havia poucos dias os privara El Rey de Castella por carta sua; acabada esta acção veiu-se para Lisboa a beijar a mão a El-Rei, e assistir-lhe no Conselho de Estado; porém não lhe

<sup>1</sup> Ms. L-3-58, *Bibl. nac.*, fl. 468.

durou tanto bem, porque aos 29 de Julho foram presos por entrarem em conjuração de lesa-magestade e aos 29 de Agosto foram degolados no Rocio com outras pessoas . . .» (*Op. cit.*, p. 294.) O joven Duque de Caminha, com 27 annos de idade, fez parte da Côrte constituinte, que acclamou rei de Portugal o Duque de Bragança, e em obediencia paterna é que entrou na conjuração. Como membro do Conselho de estado o Marquez de Villa Real foi aliciado pelo Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos de Noronha, presidente do Desembargo do Paço, do Conselho de estado, tendo sido assistente ao despacho da Princeza Margarida, Duqueza de Mantua; elle proprio envolveu seu sobrinho o Conde de Armamar, Ruy de Mattos de Noronha, com 25 annos de idade. O plano foi suggerido e dirigido pela Duqueza de Mantua, recolhida pelos revolucionarios em um convento, onde a visitavam os altos funcionarios do estado, que D. João IV conservara nos seus logares. Tolerancia generosa que determinaria uma facil restauração, que era apoiada pelo Inquisidor geral D. Francisco de Castro, e fortalecida pela Junta de Madrid *Intelligencia secreta*, em que entraram alguns fidalgos portuguezes residentes na côrte, sob ordem de Philippe IV. Era impossivel aos fidalgos portuguezes regressarem a Portugal, apesar das quantias depositadas na Rochella e na Hollanda pelo novo monarcha para se repatriarem. As angustiosas aventuras que o Conde de Castello Melhor, João Rodrigues de Sousa de Vasconcellos, affrontou para regressar á patria excedem os romances mais sensacionaes. Esse nucleo de fidalgos portuguezes era um centro de attracção para os que não estavam satisfeitos com a restauração bragantina. D. João IV no seu terror reconheceu-o, e a 19 de Dezembro de 1640 prohibira sob pena de morte e confisco passar sem licença de Portugal para Hespanha, bem como cartas e papeis dirigidos a subditos castelhanos ou sujeitos a esse governo. Apesar do draconismo do alvará, grandes titulares portuguezes fugiram em um bergantim em 7 de fevereiro de 1641, dirigiram-se para um dos portos de Castella. Foi grande a impressão d'esta fuga sobre o espirito popular; desde logo tornaram-se suspeitosos o Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos de Noronha e o Marquez de Villa Real. O procurador da Corôa Thomé Pinheiro da Veiga requereu contra os transfugas, sendo condemnados á revelia na pêrda de bens e honras; dando-se apesar das severidades as reincidencias.

São mordentes os Epigrammas dirigidos a Thomé Pinheiro da Veiga, o incomparavel escriptor estylista da *Fastigimia* :

O vosso nome, Thomé,  
Tem dois sub-postos n'um só;  
Se por cão vos chamam *Tó*,  
Por bode vos chamam *mé*.

Se *pinheiro* vos dizeis,  
É nome de tal maneira  
Que a lenha para a fogueira  
No mesmo nome accendeis ;

Nem vos falta para arder  
Logar muito accommodado,  
Que para seres queimado  
Vossa *Veiga* o pode ser.

Um outro Epigramma denuncia a traição do Arcebispo de Braga: *Pasquim a S. Magestade, que se não fiasse de D. Sebastião de Mattos, arcebispo de Braga* :

Amo-vos tanto, Senhor,  
Que uma cousa vos direi:  
Que hade ser traidor ao Rey  
Quem foi ao reino traidor.  
Não cuideis que é valor  
Ter paixões dissimuladas,  
A traições tão declaradas  
Haja publicos castigos,  
Que estão perto os inimigos  
E em *mattos* sempre ha ciladas.

Se queimaes estes *mattos*,  
Fique o campo descoberto  
E os que andam dos tratos perto,  
Andem mais perto dos tratos.  
Que não tardeis nos recatos,  
Como bom vassallo rogo,  
Porque o mal forças não tenha  
Já que põe de casa a lenha,  
Ponde vós de casa o fogo.

Havia um certo resentimento de D. Sebastião de Mattos contra D. João IV, por não ter acceitado o banquete que lhe preparára, sendo então Bispo de Elvas, quando em 1634 fôra esperar sua esposa D. Luisa de Gusmão, vinda de Badajoz: «ao receber

os illustres noivos, se embarçou em si mesmo e caíu (o bispo) no que muitos quizeram vêr um prognostico ou ameaço de desgraça que veiu a experimentar pelo crime de rebelião contra o proprio Duque depois de aclamado e reconhecido rei.»<sup>1</sup> Por sentença de 23 de Agosto de 1641 foi prezo na Torre de S. Julião da Barra onde morreu, em 1644. Os seus tristes cúmplices foram *degolados* com todas as formalidades nobiliarchicas em 29 de Agosto na praça do Rocio. Segundo o escriptor inglez coévo John Danncy, referindo a expulsão dos hespanhoes de Portugal, sob narrativa de testemunha ocular, diz que a execução fôra no ultimo dia de Agosto. O erudito Guilherme J. Carlos Henriques, resumiu d'esse livro publicado em 1661 o quadro impressionante da execução. Tem por titulo a obra *A compendious Chronicle of Kingdom of Portugal from Alphonso the first King to Alfonso the Sixth, now reigning*; eis a narrativa abreviada: «Um comprido corredor conduzia ao cadafalso, que foi construido com tres andares, no mais elevado dos quaes havia *duas cadeiras*, no do meio uma cadeira e no mais inferior outra.

«O primeiro levado ao supplicio foi o Marquez de Villa Real, vestindo comprida opa de burel preto. Ia acompanhado dos seus creados, todos vestidos de luto. Tendo subido ao andar mais alto, ajoelhou e resou durante bastante tempo, e depois erguendo-se perguntou se nenhuma esperança de perdão havia? A resposta foi um grito unanime do povo que atulhava o Rocio: — **Morra! morra o traidor!** Em seguida fez-se a proclamação do costume, foi recebida com gritos de — **Justiça! Justiça!**

«Vendo o Marquez que nenhuma esperança havia de commutação da pena, pediu perdão aos assistentes e que o acompanhassem com as suas preces; encarregou o padre da Companhia, que ahi estava, de pedir por elle perdão a El-Rei e á Patria, e feito isto sentou-se na cadeira, ás pernas da qual seus braços e pernas foram amarrados, *deitou a cabeça para traz, nas costas da cadeira, e o carrasco cortou-lhe as guelas com uma faca, tapando-o depois com um pano preto.*

«Em seguida veiu o joven Duque de Caminha ao mesmo andar do cadafalso, tambem acompanhado de seus creados vestindo luto. Chegado ao pé do cadaver do pae, ajoelhou e beijou-lhe os pés bastantes vezes; depois pediu aos espectadores um padre

---

<sup>1</sup> Ramos Coelho, *Vida do Infante D. Duarte*, t. I, p. 135.

nosso pela alma de seu pae, resou, ouviu fazer a proclamação, sentou-se na cadeira fatal que lhe era destinada e tambem teve cortada a guela.

«O terceiro a soffrer foi o Conde de Armamar, que foi morto do mesmo modo, no segundo andar do cadafalso.

«O quarto e ultimo dos nobres foi D. Agostinho Manuel e Vasconcellos que, sentado na cadeira do pavimento inferior, levou o cruel golpe que o separava para sempre da sua joven esposa.

«Diz o historiador inglez, que os juizes queriam que *a degolação se fizesse pela nuca*; mas El-Rei não confirmou a sentença por demasiada ignominia para pessôas da gerarchia dos réos.

«Os plebeus Pedro de Baeça e Melchior Corrêa de França foram enforcados em elevadissima fôrca; e Diogo de Freitas Nabo e Antonio Valente em fôrcas de menor altura.» <sup>1</sup>

Esta repressão instantanea e cruenta de D. João IV, justifica-a um seu panegyrista, porque lhe dera uma trégua de dez annos (1646-1656); tão sangrento facinorismo não era do temperamento natural dos Braganças, mas da consorte castelhana, que actuou sempre nas suas resoluções. D. João IV, levado na sua organização de artista, fundou a mais bella e completa Bibliotheca Musical do seculo XVII; deve-se portanto applicar com justiça este juizo, que formulou Renan no seu estudo sobre a Arte na Edade Média: «O historiador da Arte não é sempre levado a proferir sobre certos personagens os mesmos juizos que o historiador da politica e dos costumes. Tal tyranno das cidades da Italia conspurcado de crimes e digno das maldições da posteridade, occupa na historia da Arte um logar honroso.» <sup>2</sup> A precipitação das execuções foi provocada por um terror feminino do carrasco castelhanao.

THEOPHILO BRAGA.

---

<sup>1</sup> No *Damião de Góes*, do 1.º de Janeiro de 1909.

<sup>2</sup> *Rev. des Deux Mondes* (1862), t. XI, p. 21.



RAMALHO ORTIGÃO

Desenho de Sargent

## Ramalho Ortigão

---

Alguns escritores da sua geração arrependem-se, como ele, assustadamente, da obra que tinham realizado e que fôra o grande sonho da sua arte e da sua inteligência. Começando por adoptar, no nosso pequeno meio, uma attitude irreverente, demolidora e sangrenta, acabaram por se amparar ás tradições política e religiosa.

Quando essa geração, de 1860 a 1870, empreendeu a sua tarefa de crítica e de ironia, tropeçou numa sociedade que, não vivendo já das tradições seculares, ainda não creara novos grandes ideais. Dos românticos, respeitando a figura austera de Herculano, sentiam uma aversão salutar pela arte de Castilho e admiravam o talento superficial e leve, ajanotado e agradável, de Garrett. Em politica, em sociologia, em arte, decoraram Proudhon, Baudelaire, Hugo, Michelet, Flaubert, e atiraram, para a entorpecida sociedade do seu tempo, as ideias estudadas, reproduzindo-as no panfleto, na conferência, na sátira, no romance, no livro de história, na crítica de costumes.

O que era o Portugal e a Lisboa dessa época, mal o podemos imaginar hoje, atravez das tradições do fastiento Passeio Público, atravez do lirismo de Thomás Ribeiro e Gomes de Amorim. Nas *Farpas*, no *Primo Basílio*, no *Portugal contemporâneo*, o que entrevêmos é desolador. O desprezo da cultura do corpo e do espírito, a vida sem grandeza e sem ideais, uma corrupção mansa nos poderes públicos, a classe nobre sem fausto, a burguesia sem prestígio, o povo vibrando só pelas grandes crises de entusiasmo patriótico, nos jornais um cisco noticioso de bisbilhotice

inofensiva, nos teatros raros lampejos d'arte e na literatura as tentativas e ambições exploradas em trinta ou quarenta anos de romantismo. Alguns destes aspectos pouco mudaram, mas hoje, na política, na literatura, na vida social, ha, com todos os desvarios e todas as paixões, uma turbulência mais generosa e mais ardente.

Ramalho Ortigão iludiu-se talvez com o alcance da tarefa que voluntariamente se impusera, a par dos seus companheiros de luta. Não limitou, como Eça de Queiroz, a sua colaboração nas *Farpas*, a um feixe de leves ironias e delicadas emoções de arte. Deu-lhes um aspecto grave de missão doutrinária e didáctica, que Fialho de Almeida alcunhou rudemente de «biologices e sociologices da biblioteca de dois *sous*». O culto do banho, da água fria e da tesoura das unhas, o elogio do conforto caseiro e das viagens, a condenação do namoro e a propaganda das noções culinárias, o desprezo da retórica, do compadrio e do servilismo, levaram-no a escrever muitas páginas saudáveis e banais, que tiveram decerto alguma utilidade para o asseio do corpo e das almas, na enxovalhada inércia de muitos que o liam. Mas fôram essas as páginas que mais depressa envelheceram, como nos romances de Eça de Queiroz as troças alfacinhas gastas a ridicularizar um momento infeliz duma sociedade medíocre, não sob o ponto de vista dum aspecto humano universal, mas numa estreita preocupação de disfrute bairrista.

Nas *Farpas* ha um pouco de tudo: a política, a arte, a instrução, a côrte, a religião, a paisagem, os monumentos, as indústrias, a literatura. De muitos desses comentários ressalta uma impressão de força e de bondade, de alegria e de esperança. E' genuinamente portuguesa, essa obra, na graça bem humorada, na simpatia pelas festas e tradições do povo, no descritivo pitoresco, na pureza do estilo límpido e, por vezes, tão belo.

Mas, desde a mocidade, Ramalho tivera predilecções que não se harmonizavam inteiramente com as suas doutrinas de moralista. Nesse tronco robusto e agreste de iconoclasta de rijos braços e entusiástico defensor da independência moral, do civismo consciente, das admirações reflectidas, enleavam-se as tentações da vida da alta roda, do luxo aristocrático. A par dos conselhos às mães, às donzelas e aos moços na puberdade, ha, nas *Farpas*, por exemplo, a apologia de Jerónimo Colaço de Magalhães, o *dandy* cínico, o elegante sem escrúpulos, que rompeu com a mo-

ral da sociedade sem adoptar outra moral melhor, e que sacava ao procurador os últimos contos da herança, para os semear pelos *boulevards*, como engodo, aos credores, para novas dívidas.

Ramalho Ortigão, nessa biografia, uma das suas melhores páginas, tem um sorriso indulgente para as desonestas simulações, as insolentes frases de espírito, e compraz-se demoradamente, deliciadamente, a descrever o *appartement*, o guarda-roupa, as equipagens, os *menus* e os criados do *dandy* illustre. E' uma grande lição de elegância, sem dúvida, mas, na sua entontecida cegueira de *parvenu* inteligente, quasi glorifica um vadio de boas maneiras, ele, que vivia da sua pena de artista e de panfletário.

O espírito *frondeur* das *Farpas* caiu a fundo sobre a burguesia nacional e sobre alguns ridículos da nobresa. Quanto ao povo, mal se entrevê nesse panfleto; não o povo pitoresco dos trajés campestres e das romarias, mas o povo das cidades, o proletariado ainda sem organização nem disciplina, por quem, no grupo de intellectuais a que pertencia Ramalho, quasi só Oliveira Martins e sobretudo Antero do Quental se interessavam com um sincero entusiasmo.

Ramalho Ortigão não fez parte do *Cenáculo* e foi mais tarde um dos *Vencidos da vida*. O *Cenáculo* de Antero, das conferências do Casino proibidas pelo Marquês d'Avila, era bem mais animado, mais cheio de vivacidade e de audácia. Esses rapazes ainda não tinham cargos officiaes, nem compromissos políticos, na sua estouvada e nobre independência. Os *Vencidos da vida* formaram grupo quando já todos eram consagrados. Conta-se que o velho Dias Ferreira perguntára a Carlos Mayer como poderiam justificar a arrogância com que se exibiam.

— Veja V. Ex.<sup>a</sup>, respondeu ele. Eça de Queiroz é o nosso primeiro romancista, Ramalho o primeiro crítico de costumes, António Cândido o primeiro orador, Junqueiro o primeiro poeta, Oliveira Martins o primeiro historiador, Soveral...

— E o senhor, em que é o senhor o primeiro?...

— Eu sou o maior calvo de Portugal... depois de V. Ex.<sup>a</sup>!

A designação de *Vencidos da Vida*, em que havia um pouco o desejo de fazer arregalar os olhos dos burgueses, poderia indicar que todos êsses intellectuais ou mundanos célebres, triunfando no êxito banal da voga e do dinheiro, não tinham triunfado nas suas mais elevadas aspirações de intelligência e arte. Poder-se-ia ainda interpretar como a legítima e única aspiração de jan-

tarem no Braganza, artistas e elegantes que muito necessitavam de cortar, com um aperitivo literário, o fastio duma existência de *blasés*. . . Hesitando entre o idealismo e a gastronomia, êles procuravam, na alegria duma convivência excepcional, o descanso para o trabalho dum poema, dum discurso, dum capítulo interrompido — o descanso e, ao mesmo tempo, a excitação, a vivacidade, que dá o contacto com inteligências interessadas por tudo que é belo e superior, ideias, ditos de espírito, obras d'arte. Nos jantares, nas reuniões, nos passeios, a palestra corria todos os assuntos: literatura, política, má lingua, largos planos.

Nessa grande geração havia, entre os cinco ou seis íntimos, a mais nobre e desinteressada amizade. Não roçaram os cotovelos pelas mesas dos cafés e, se isso contribuiu para acentuar neles o ar distante e uma pontinha de snobismo aristocrático, evitou que resvasassem às camaradagens de acaso em que se embota a sensibilidade e não se hesita em sacrificar um amigo a um dito de espírito. Com a idade, o feitio agressivo transformou-se numa ironia transcendente. Os condes de Sabugosa e de Arnoso, dois gentíshomens da mais fidalga nobresa de espírito e de raça, foram insensivelmente domesticando nos degraus do trono êsses brilhantíssimos derrubadores de ídolos, que tinham começado a carreira literária lendo ao Chiado paráfrases de Proudhon e Rochefort.

Que distância do Ramalho Ortigão que anunciara o triunfo da República nas nações latinas, ao autor do *Rei Carlos, o Martirizado!* Entrando nos paços de D. Fernando e de D. Luis, como um artista em relações amáveis com outros artistas, foi-se costumando à atmosfera da côrte. Caíu-lhe da mão a pena dos formosos combates. Esqueceu-se do tempo em que, nas *Farpas*, citava, com orgulho, a frase de alguém àcerca do cortejo do centenário de Camões, para que Ramalho tanto trabalhou: «E' o enterro da monarquia». Moldou o seu feitio exuberante ao apagado figurino palaciano, revivendo a figura antiquada de cronista da côrte.

Mas quem o lêr, no futuro, não se preocupará muito com as suas opiniões políticas e sociais, nem com a evolução do seu espirito de revolucionário para conservador. O que há-de ficar das *Farpas*, da *Holanda*, do *John Bull*, não é a erudição enumerativa ou o culto espalhafatoso da vida confortável. Será o desenho tão impressionante e tão vivo de certas figuras, a serenidade

límpida e doce das amplas paisagens, a evocação saudosa dos episódios da infância e da adolescência, o bom humor ingénuo de gigante saudável, a candura de emoções muito subtís. Serão, por exemplo, as páginas brumosas em que se esfumam os nevoeiros da Holanda; a simplicidade, comovente até às lágrimas, com que nos recorda a multidão, liberta do fanatismo castelhano, emmudecendo, ao ir encetar um coral, e desatando num dolorido choro de alegria; e ainda o arraial minhoto, que a nostalgia lhe trouxe à memória num domingo de Londres... Na sua prosa há um mixto de delicadeza e fôrça, de solidês e flexibilidade. O seu estilo é varonil e másculo como a sua desempenada estatura, que nem o cansaço dos oitenta anos dobrou.

Ramalho Ortigão amava muito as viagens e tinha talvez ainda um maior amor pelas águas-furtadas em que vivia há perto de meio século, na calçada dos Caetanos. Na mesma casa morreu Oliveira Martins, que foi o primeiro a partir para a grande viagem triste, embora os amigos julgassem, ao vê-lo tão sóbrio, tão metódico, tão caseiro, que os enterraria a todos. Dizem-nos que, nesse primeiro andar, pelo cuidado piedoso da viuva, o quarto de dormir e o gabinete de trabalho do historiador se conservam como na hora da sua morte: num cinzeiro ainda está, como êle a deixou, a ponta do último charuto.

Ao alto da escada do terceiro andar, enfeitada com vasos de flores, era a porta da habitação de Ramalho, à frente do patamar que êle aproveitara para casa de entrada e de que, porisso, Eduardo Prado dizia, com graça, serem «terrenos conquistados ao Tejo». O interior do seu lar afeiçoou-o o artista, carinhosamente, em mais de quarenta anos: móveis preciosos, *fauteuils* antigos, *bibelots* raros, quadros, esculturas, recordações. O salão grande é contíguo ao gabinete de trabalho. As janelas dão para as obras do Conservatório, que, prolongando-se há muitos anos, tanto irritavam Ramalho Ortigão, enchendo-lhe a casa de pó. Êle atribuía a sua esplêndida saude a ter de subir todos os dias os três andares do prédio. Semanas antes de adoecer, em fevereiro ou março dêste ano, contava êle, com uma fogosa *verve*, a dois admiradores que o visitavam, quanto era habitual naquela casa viver-se muito. Dos ombros fortes, emergia-lhe poderosamente a cabeça, na vivacidade da palestra. O rosto largo, já muito cheio de rugas, não tinha o aspecto engelhado e pergaminhoso, habitual na cara dos velhos. A sua voz era grossa e rouca, com

uma leve affectação exótica, afrancesada. Falava da morte e sorria com a despreocupação alegre dum rapaz de vinte anos. Foram êsses dos últimos sorrisos. Um mês depois começou o martírio atroz e prolongadíssimo da sua agonia.

Num país culto e de iniciativas nobilitadoras, em que nem todos vivessem na «apagada e vil tristeza» tradicional, essa casa da calçada dos Caetanos, em que moraram e morreram duas extraordinárias figuras da mesma geração, estaria naturalmente indicada para um esplêndido museu. Conservar-se-iam escrupulosamente, como êles os deixaram, o primeiro e o terceiro andar. Às bibliotecas e papeis de Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, juntar-se-iam, a pouco e pouco, no andar intermédio, os documentos mais interessantes, manuscritos, livros, cartas, de Eça de Queiroz, Antero, Camilo, Junqueiro, João de Deus, Teófilo Braga. Desde já poderíamos sentir, percorrendo êsse museu, a melancolia que nos invade ao visitar, em Paris, as casas onde Balzac e Hugo viveram quasi vinte anos. Nas habitações de Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, modestas como a do autor das *Ilusões Perdidas*, não houve festas comparáveis aos saraus românticos do velho poeta; mas ali trabalharam, palestraram e riram escritores unidos por uma solidariedade ardente de elevadas aspirações. Esse grupo de artistas deixou uma herança sumptuosa e bela. Os seus poetas, na literatura portuguesa, só são excedidos pelo génio de Camões; e os prosadores, iguais aos maiores de todas as épocas, desde os cronistas ingénuos da idade média até ao rígido e hirto Herculano, partiram os moldes antigos, criando uma linguagem sonora e dúctil, destinada, por largo tempo, a ser o generoso património de muitas gerações.

LUIS DA CAMARA REIS.

## Um diplomata do Imperio

---

O diplomata a que me refiro tem o seu lugar perfeitamente marcado entre os *Varões Illustres* do Brasil.

Pinheiro Chagas, que procurou vulgarisar em Portugal a vida de muitos dos nossos homens notaveis, prestando com isso inestimavel serviço ao inter-cambio intellectual luso-brasileiro, affirmou, com a imparcialidade que não se lhe póde negar, que o Brasil é um dos paizes que mais zela as suas proprias glorias e que melhor sabe prestar homenagem a todos os seus filhos que de alguma forma se distinguiram.

O desenvolvimento das nacionalidades pela cultura conduz ao maior amor pelas cousas do passado.

Se o nosso passado não foi por esse lado dos mais ricos porque a nossa vida independente abrange o curto espaço de um seculo, dentro deste uma grande população contendo, é verdade, uma relativa proporção de ignorancia, teve em todas as epocas para dirigil-a uma elite capaz de governal-a como se governam os povos mais cultos.

Os estadistas do Imperio formam o espelho dessa cultura no primeiro e no segundo reinado.

Apezar da sua vida publica ter sido toda dedicada ao serviço diplomatico, o conselheiro Sergio Teixeira de Macedo tem direito a ser considerado como um dos estadistas do imperio Brasileiro. A sua passagem pela provincia de Pernambuco, que administrou, pela Camara dos Deputados onde representou o Municipio Neutro, pela pasta do Imperio, que sobraçou no Gabinete de 12 de Dezembro de 1858, sendo essa pasta a mais importante para a

vida politica do paiz por ser a que directamente entende com os negocios internos, assignalaram a passagem de um esclarecido administrador, de um parlamentar correcto e de um verdadeiro estadista.

Definido o seu papel no ministerio do Visconde de Abaetè, que surgiu em occasião difficil da nossa vida parlamentar agitada pela questão financeira, escreveu o maior historiador da politica do segundo reinado que foi o Sr. Joaquim Nabuco :

«O Presidente do Conselho, figura do passado, desde muito simples espectador politico, escondia-se na Marinha; Nabuco estava isolado no Gabinete; Paranhos, que fôra seu collega sob o Marquez de Paraná, terminava a sua evolução conservadora; Salles Torres-Homem, que se gabava ter sido em 1853 o primeiro a pronunciar a palavra *conciliação*, era um vermelho da côr de Euzebio de Queiroz, Itaborahy e Uruguay. O ministro do Imperio, Sergio de Macedo, servira á Conciliação; na sua qualidade de diplomata, acceitava tanto um como outro partido; as suas inclinações pessoaes, porém, eram um mixto de um antigo Tory e de um *zelante* Papalino, de um Metternich e de um Guizot.»

Não é para admirar que o conselheiro Macedo, tendo assim chegado a uma posição culminante na politica do seu paiz depois de ter atravessado longa carreira diplomatica atravez de quasi todas as Côrtes europeias, pudesse assumir no seio do Gabinete essa attitude sympathica.

Não foi o barão de Rio Branco um mixto de monarchico conservador capaz de servir a Republica com a maior lealdade por entender que assim melhor servia a sua propria patria?

Estou, porem, convencido de que o temperamento do diplomata de que aqui me occupo foi sempre o de um politico e o seu espirito positivamente liberal, se bem que moderado.

Assim foi desde o inicio da sua vida publica, quando, de volta de Coimbra, alistou-se entre os que combateram com a maior energia o periodo do absolutismo no governo do Brasil, ainda jovem, simples estudante que vinha concluir o seu curso juridico em Olinda, aproveitando patrioticamente a fundação deste no correr do anno de 1827.

É verdade que a agitação politica em Portugal fechára-lhe as portas da Universidade já então revolucionada pela orientação liberal que lhe dera o marquez de Pombal.

Os successos de abril de 1831, que produziram a mudança de

reinado, deviam tambem marcar o seu apparecimento no scenário politico.

De regresso á sua verdadeira patria D. Pedro I levava, ao que dizem, um pouco de amargura e de desdem por alguns amigos trahidores.

O conselheiro Macedo não poude ser contado neste numero porque não estava ainda em idade de ser incluído entre os que porventura obtiveram favores do primeiro reinado.

Ao envez disso, no seu primeiro jornal, *O Olidense*, censurou a marcha de todas as administrações que se tinham succedido e accusou o monarcha de desorganizar caprichosamente os ministerios constitucionaes e de sustentar com a sua influencia os que mostravam desrespeito ás leis. N'essa campanha o seu reconhecido espirito de justiça obrigou-o a citar, com o maior cuidado, as leis violadas. Taes censuras, por fortes que eram, agradaram aos liberaes, ao tempo em que D. Pedro I procurava ainda salvar a sua popularidade compromettida pela viagem a Minas e pela proclamação de 22 de Fevereiro lançada como protesto á reforma constitucional.

Os homens que occupavam o poder eram nesse momento todos brasileiros natos, o que já representava uma victoria das idéas liberaes. O apparecimento d'*O Olidense* causou verdadeiro enthusiasmo entre os que as sustentavam e os artigos de fundo desse jornal, saidos da penna do estudante Macedo, foram reproduzidos nos mais importantes orgãos da imprensa da epoca, que eram a *Aurora*, a *Astréa*, o *Diario Fluminense* e o *Independente*. Elles davam, na phrase de um dos seus biographos «testemunho incontestavel do merecimento prematuro do joven escriptor.»

Como polemista elle possuia grandes qualidades que lhe facilitararam sempre, n'um estylo vigoroso, a defeza das suas negociações, quando mal julgadas pelos adversarios.

A sua penna conservou nos ultimos annos da sua vida o mesmo vigor dos tempos academicos em que estreiou-se no jornalismo. E é assim que o vemos apoz a sua retirada do ministerio Abaeté sustentar com o *Correio Mercantil*, um dos mais importantes orgãos da imprensa de então e a proposito de contractos de que fôra incumbido em Londres, uma polemica nestes termos que lembram os seus primeiros artigos :

«Não negarei ás pessoas o respeito a que possam ter direito ; mas a posição em que a redacção do *Correio Mercantil* se col-

locou para atirar-me as suas injurias é tal que ellas não podem produzir effeito. Essa posição é a do interesse privado contrariado em materia de interesses de uma provincia. A posição é baixa. As injurias seguem a lei geral da gravidade pela qual os corpos cahem com tanta maior força e peso quanto de mais alto despenhados. As que partem daquella posição nem me podem chegar. Se pois ellas me não tocam só me resta agradecer-as á redacção do *Correio Mercantil*. Com effeito essas injurias são a confissão da falta de argumentos ou da fraqueza dos que como taes se apresentam. Cada um tem o seu modo de exprimir-se e não posso estranhar que empreguem certas pessoas certo estylo. O homem generoso e cavalheiresco faz a confissão da sua fraqueza ou erro, ou da ruindade da causa que abraçara, em termos cortezes. Outros o fazem pondo a mão na ilharga e tomando a attitudo e o estylo das discussões de mercado, talvez ainda selhes deva louvar não esgotarem o vocabulario desses modelos.»

Elle foi um diplomata completo.

Já vae longe o tempo em que «os letrados não costumavam figurar na primeira plana dos embaixadores; mas sim algum personagem graudo, em quem o erudito e o orador não teriam razão de ser».

Ser diplomata, ao mesmo tempo que escriptor, é hoje cousa muito corrente, nem essa qualidade prejudica as outras que fazem do profissional zeloso o *diplomata de carreira*.

Tem-se dado o caso imperdoavel do escriptor não comprehender a grandeza da missão confiada ao diplomata.

Barbey d'Orevilly, que foi um homem de incontestavel espirito e um escriptor que ficou na litteratura franceza, entendeu que para ser diplomata não é necessario ter superioridade alguma e que por esse lado a Historia está cheia de favoritismos de todo o genero.

É claro que o facto pode dar-se em qualquer condição da vida social, mas por excepção e jamais como regra.

Um diplomata que conseguir, artificialmente, é claro, e em proveito proprio, a popularidade no paiz em que esteja acreditado, poderá usar de meios inconfessaveis para prejudicar a posição de um seu eventual successor.

Isto já vae sendo tão raro que nem vale a pena citar a referencia feita por aquelle escriptor ás baixezas praticadas por Alberoni diante do duque de Vendôme.

O Visconde de Figanière, que publicou as suas — Quatro Regras de Diplomacia — para servirem de roteiro aos principiantes da carreira e, na verdade, algumas d'ellas visando apenas o valor moral daquelles, confessa que «houve tempo em que alguns soberanos eram tão ciosos da exclusiva dedicação dos seus agentes, que bastava qualquer indício de haverem grangeado mais do que uma formal benevolencia, na corte onde fossem acreditados, para serem mandados recolher».

Hoje, o diplomata que se propuzesse manter semelhante attitude de frieza, teria que cair em desvalimento em todos os postos por onde passasse. Por isso a primeira regra para vencer é saber agradar, o que não exclue a altivez que colloca o agente á altura do seu cargo, nem a boa educação e a correcção diplomaticas.

A nossa diplomacia de todos os tempos é rica em historias que revelam da parte dos seus representantes a melhor comprehensão para o desempenho de tão delicadas funcções.

A respeito de José Maria do Amaral, poeta e diplomata, irmão do saudoso visconde de Cabo Frio que é uma tradição viva na nossa Chancellaria, contou Franklin Tavora, no elogio que d'elle fez perante o Instituto Historico e Geographico Brasileiro o seguinte episodio da sua vida de plenipotenciario :

«Da sua (de Amaral) competencia diplomatica pode-se ajuizar por um incidente occorrido entre elle e Lopez, o velho, quando Presidente do Paraguay.

Estavam em conferencia sobre pendencias que interessavam os dois paizes, quando chegada a certo ponto a controversia, Lopez, em uma explosão de furia, dirigio ao nosso representante estas palavras :

— O vosso Governo mente.

Amaral refreou a custo a represalia que lhe chegára immediatamente aos labios, e, como se não tivesse ouvido mais do que uma dessas phrases de brilhante e cortez argucia que enriquecem a linguagem internacional, aguardou occasião opportuna para tomar a desforra.

Esta não se fez esperar.

Pouco depois de passada aquella explosão, o nosso representante reatou a sua contestação nestes termos :

— As cousas não se passaram assim. V. Ex.<sup>a</sup> mente.

Lopez, que nunca se sentira flagellado por ensino tão formal, retorquiu reaccesso em ira :

— O Ministro brasileiro tem a ousadia de dizer que eu minto? Amaral respondeu com serenidade:

— Empreguei esta palavra como V. Ex.<sup>a</sup> a empregou. Pareceu-me que sendo usada por V. Ex.<sup>a</sup> na qualidade de Presidente da Republica do Paraguay, em conferencia diplomatica com o representante de um paiz estrangeiro, era um vocabulo corrente na diplomacia paraguaya.

O incidente não teve resultado desagradavel, antes consta que d'ahi por diante, não deixou Lopez de render ao nosso compatriota testemunhos de attenção por sua energia, de alta consideração á sua delicadeza e finura.»

E com relação a essa figura diplomatica do segundo reinado accrescenta um dos seus biographos «nelle o diplomata não desmereceu o escriptor ou o publicista.»

Ainda ha pouco o eminente ministro Sr. Oliveira Lima exclamava perante esse auditorio tão culto que costuma reunir-se na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro para ouvir a palavra dos nossos homens de maior saber: «Com o intellectualismo a diplomacia sempre fez entre nós muito bom consorcio e como poderia ser de outro modo? No Portugal antigo foram diplomatas escriptores como Antonio de Sousa de Macedo, o poligrapho, Francisco Xavier de Oliveira, o auctor de memorias historicas, D. Luiz da Cunha, o mordaz correspondente. No Brasil imperial momentos houve em que as missões no estrangeiro reuniram pleiades notaveis de homens de letras — o momento, por exemplo, em que Maciel Monteiro estava em Lisboa, Varnhagen no Chile, Domingos de Magalhães em Washington.»

Esses diplomatas por certo não se limitaram ao simples encargo decorativo e dedicaram o melhor da sua actividade ao serviço da sua patria.

O que tão justamente disse o Sr. Oliveira Lima dos nossos diplomatas póde ser affirmado com relação aos do velho mundo.

Ha uns bons dez annos, quando tive a fortuna de servir na nossa embaixada em Washington, quaes eram os representantes das grandes potencias?

O embaixador inglez o Sr. James Bryce, o homem que depois de Tocqueville melhor estudou as instituições politicas daquella grande nação, chegando as suas obras a provocar polemicas internas e o embaixador francez o Sr. Jusserand, gozando de excepcional posição naquella sociedade e nos meios politicos, pas-

sou grande parte da sua vida a publicar, a exemplo de Taine, importantes estudos historicos sobre a litteratura ingleza.

A estes, como astros de primeira grandeza, reuniam-se outros com lugar de destaque no mundo das letras e o representante do Brasil nessa occasião, que era o embaixador Joaquim Nabuco, representava tambem o expoente da nossa cultura.

Ao conselheiro Macedo não sobrou talvez tempo para escrever livros, tendo-o consagrado a tarefas mais arduas em prol do futuro de um paiz novo como o nosso.

Seu irmão Alvaro Teixeira de Macedo, que tambem foi diplomata, como mais tarde virão a ser os seus dois filhos, apesar do desejo expresso pelo Pae de que elles não abraçassem essa carreira, foi mais homem de letras do que elle, tendo produzido, entre outras, uma obra poetica de certo valor — A Festa do Baldo — da qual Varnhagen disse que a sua popularidade cresceria com o correr do tempo e a que o Parnaso Brasileiro concedeu um dos seus lugares de honra.

Deixou, todavia, o conselheiro Macedo um bem elaborado trabalho sobre «as estradas de ferro e as discussões a respeito delias» tendo sido contractador dos emprestimos brasileiros em Londres para a construcção de algumas das nossas vias ferreas e entre estas a principal, a D. Pedro II.

A este respeito o erudito e saudoso Brito Aranha tornou conhecidos do publico portuguez no «Diario de Noticias» de 2 de novembro de 1910 sobre o titulo — Paginas Velhas — Que podem servir de recreio e de lição aos novos — e dedicadas ao Dr. Alfredo da Cunha, traços profundos da integridade de caracter do conselheiro Sergio de Macedo.

«A lista dos seus serviços é extensa. O que vou registrar em seguida sobreleva a todos porque não é vulgar: e os seus biographos collocaram-no em primeiro lugar pelo exemplo dado.

«Em 1853 o governo do Brasil encontrava-se na situação, pelo assim dizer, critica para pagar um emprestimo que lhe ficara de 1823 e a que era obrigado pelo reconhecimento da independencia e outro contrahido em 1854 e correlativos encargos: ao todo 36 mil contos de reis. Sergio Teixeira de Macedo foi mandado a Londres e tão habilmente procedeu e com tal isenção que os contractos foram fechados com assentimento dos respectivos governos. Apareceu todavia, uma advertencia por parte dos banqueiros negociadores britannicos. Disseram-lhe:

— O senhor tem de receber, segundo os usos dos mercados bancarios europeus, uns tantos por cento que lhe pertencem.

— Não receberei, respondeu promptamente Teixeira de Macedo.

— Pois se os não receber reentrarão em os nossos cofres, observaram os banqueiros.

Teixeira de Macedo deu conhecimento deste facto ao seu governo accrescentando: — A percentagem vae junta á liquidação do emprestimo e entrará nos cofres do thesouro nacional.

Este facto honrorisissimo e glorisissimo para o negociador, que revela o character e o civismo de Teixeira de Macedo, depa-rou-se-me com outros pormenores, por iguaes interessantes no *Pantheon Fluminense*, de Lery dos Santos, edição de 1880, pg. 653. Ali se lê:

«Sergio era pobre. Se a recebesse (a percentagem) ficaria rico.»

Na vida de familia Sergio Teixeira de Macedo poz o seu nome num documento que ainda mais exalta a sua memoria de benemerito. Foi no seu testamento lavrado em um notario de Londres em 1855, mas que só se conheceu e publicou no Rio de Janeiro em 1867 e pouco depois do obito verificado em Paris, isto é, quando se realisou a trasladação dos restos mortaes do que fora benemerito diplomata e patriota, de Paris para o Rio de Janeiro.

Ficou esse precioso deposito naquella cidade no cemiterio de Botafogo.

Nesse documento exemplar podem ler-se com admiração e louvor estas disposições da ultima vontade do egregio brasileiro:

«A maior riqueza que deixo a meus filhos é um nome sem macula e o exemplo de uma vida consagrada ao dever e sempre conforme com as leis da honra.

«A mais importante divida que lhes deixo a pagar é aquella em que estamos todos para com o Brasil, nossa patria, que sempre servi e amei . . .

«Desejo que meus filhos recebam uma educação liberal como já está começada; que siga cada um a sua vocação na escolha de uma profissão; mas prefiro e lhes aconselho que se tornem o mais possivel independentes dos ordenados do thesouro publico e se estabeleçam na agricultura, que é a vida que mais convem ao homem bem nascido.

«Recommendo a meus filhos a mais estreita amizade e união para que se ajudem reciprocamente e sejam respeitados no mundo em que teem de viver e vençam as difficuldades em que se achem.

«Não reservo o menor resentimento contra pessoa alguma neste mundo. Sempre foram contra mim impotentes a inveja, o odio e a injustiça. Tambem não creio ter commettido acto algum de oppressão ou injustiça contra alguém; se commetti não foi voluntariamente e peço perdão á minha victima quem quer que seja.

«Peço aos meus amigos que continuem a se-lo de meus filhos e a todos agradeço seus bons sentimentos reservados por longa serie de annos, pois não creio ter perdido um só delles.»

Innocencio cita no seu Diccionario Bibliographico Portuguez, mais os seguintes trabalhos do conselheiro Macedo:

*Breve apreciação da demissão do conselheiro Paranhos*, por um brasileiro, ex-presidente do povo. Rio de Janeiro typ. Popular de Azevedo Leite, 1865. 8.º de 53 pag.

Attribuem-lhe a seguinte versão:

*Historia do Brasil desde a chegada da real familia de Bragança em 1808 até á abdicção do imperador D. Pedro I em 1831*, por J. Armitage. Tirado do inglez por um brasileiro. Rio de Janeiro, typ. de J. Villeneuve & C.<sup>a</sup> 1837. 8.º gr. de VII-323.

Os serviços prestados pelo conselheiro Macedo não são da natureza daquelles que atravez das gerações fallam sempre á imaginação popular. Os estudiosos, porem, não esquecerão essa figura de patriota.

E' inutil tentar esquecer o passado porque momentos ha em que a saudade d'elle é tão forte na vida dos povos que os faz julgar injustamente o presente e até desproporcional-o.

Do amor ao estudo das coisas do passado entre nós acabamos de ter indiscutivel prova na recente reunião na cidade do Rio de Janeiro do Primeiro Congresso de Historia Nacional, onde nasceu a ideia, já victoriosa, de solemnisar com um Congresso Internacional, com a assistencia dos representantes de todas as nações americanas, o Primeiro Centenario da Independencia do Brasil.

Gozando da illimitada confiança dos ministros da fazenda de então, homens como o visconde de Itaborahy e o marquez de Pa-

raná, foi o conselheiro Macedo incumbido, como acabamos de vêr, de importantes operações de credito no estrangeiro.

Isso dá a medida exacta do seu valor.

Os seus triumphos fôram de tal ordem que esses ministros não lhe regatearam louvores e D. Pedro II, applaudindo-os, concedeu-lhe a grã-cruz da Ordem da Rosa.

A sua vida diplomatica oscillou durante alguns annos entre os postos de Paris e Londres conforme a conveniencia dos Governos.

A qualquer d'estes postos achava-se elle tambem ligado por circumstancias particulares que lhe deviam ser gratas.

Paris foi o seu primeiro posto de secretario de legação onde teve a fortuna de casar-se com uma senhora de uma das mais importantes familias do pariato irlandez.

D'ahi por diante a sua vida diplomatica prova que elle esteve sempre á altura dos cargos que occupou como ministro plenipotenciario em Roma, Turim, Vienna e Estados-Unidos da America.

Não lhe faltaram honras, porque tambem nunca lhe foi recusada a consideração das sociedades em que teve de mover-se e dos soberanos com os quaes teve de tratar.

A Rainha D. Maria II condecorou-o com a grã-cruz da Ordem de Christo, dignidade que, na phrase de um dos seus biographos «pela primeira e até hoje ultima vez, foi conferida a simples encarregado de negocios.»

O Rei Carlos Alberto, além de condecoral-o na sua ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, presenteou-o na despedida com uma magnifica boceta de rapé, de ouro, ornada com o seu retrato guarnecido de brilhantes. O Papa Gregorio XVI enviou-lhe as insignias da ordem de S. Gregorio Magno.

Da Santa Sé obteve elle o reconhecimento da independencia do Chile; do principe de Metternich o reconhecimento d'esta republica e da do Paraguay.

Nos Estados-Unidos resolveu pontos de direito soberano fazendo prevalecer a sua opinião quanto á abertura da navegação do rio Amazonas a todas as bandeiras, sendo reconhecido ao Brasil o direito de franqueal-o ou limital-o conforme as suas conveniencias.

De tantos postos occupados com tamanho brilho, estou, porém, certo de que um se lhe teria gravado na memoria com a sau-

dade dos seus primeiros triumphos. Elle appareceu em Lisboa numa epoca de paixões e de parcialidades politicas em que todos os partidos disputavam o poder. Viveu bem com todos elles, assim como com a sociedade portugueza á qual se achava ligado por laços de sangue, sendo parente dos duques da Terceira, como se verifica na obra de J. C. Feo de Castello Branco e Torres — *Cadaval, Lafões e Duques* — pg. 267. Encontrou assim o primeiro representante do Brasil em Portugal as portas abertas para o bom desempenho da sua missão e de tal forma que a Rainha, talvez por não ter esquecido o seu nascimento no Palacio de São Christovão, ordenou que elle, simples encarregado de negocios, fôsse tratado com as honras de embaixador.

Elle foi, de facto, o primeiro representante do Brasil em Lisboa, não tendo os embaixadores que o precederam marquez de Barbacena, visconde da Pedra Branca e marquez de S. João da Palma conseguido desempenhar as suas missões ou as tendo desempenhado em outras capitães obrigados a isso por circumstancias de fôrça maior.

A Rainha conferiu-lhe distincção mais elevada.

Tendo convidado o Imperador D. Pedro II para padrinho do Principe que viria a ser o Rei D. Pedro V, lhe rogou fôsse o seu augusto irmão representado na cerimonia pelo Sr. Sergio de Macedo.

E no desempenho dessa alta missão, teve elle a honra de acompanhar á pia baptismal o Principe que a Historia Portuguesa tornará mais tarde conhecido pelo qualificativo de — *O muito amado*.

A. VELLOSO REBELLO.

Conselheiro da Embaixada do Brasil em Lisboa

## Os dois Sebastianistas

*Como quem cumpre uma sina,  
dois velhinhos, a tremer,  
do alto de Santa Catrina  
vão todos os dias — vêr...*

*Passaram ha muito a conta  
dos oitenta, e entanto ainda  
nos olhos de êles aponta  
a esperança moça e linda!*

*Emquanto os mações francezes  
andam por hi a mandar,  
êles, suspirando ás vezes,  
põem os olhos no mar.*

*E silenciosos, e sem  
uma palavra trocarem,  
os velhos, como a esperarem,  
olham o mar, para além...*

*Oh! a Nau empavezada,  
quando ha de apar'cer ela,  
a gloriosa caravela  
por entre a nevoa dourada?*

*Sempre calados... Inda hoje  
não chegou o Encoberto.  
Mas a esperança não foge  
e a Manhan ha de vir perto!*

*Emfim, como num segredo,  
despedem-se em termos tais:  
— Amanhan venha mais cedo,  
para conversarmos mais.*

AFFONSO LOPES VIEIRA.

## Campos da minha terra

---

A paisagem minhota, no coração do Minho, é a d'um gracioso presepio, um d'esses presepios lindos, em que figurassem os aprasiveis reis-magos, na sua visita ao prodigio da Galileia. E' meudinha, aconchegada e acolhedora, como o character do seu povo, sempre affectivo, pouco desconfiado, dando-se facilmente, mesmo com aquelles que não conhece. De qualquer volta d'estrada se póde apreciar, num resumido fragmento de terra, o folhedo mysterioso dos carvalhos, a alegria dos vinhedos manchando a encosta, a casaria branca e o campanario esguio a espreitarem d'entre o arvoredado copado, a horta e a seara espalmando-se no estreito valle, o moinho com a sua roda a grasnar no fim do açude de espuma branca. E' tudo tão pequenino, tão geitoso que parece poder tomar-se na concha da mão. Um relance d'olhos basta para se sentir o conjuncto, sem demoras d'analyse, n'um repouso d'alma e de sentidos. Vae a gente marchando por um caminho estreito, sob tecto de cachos; ou n'um carreiro de cabras serpenteando na collina; ou então por uma d'essas estradas novas, abertas entre campos floridos: o que tem de se vêr está ali perto, quasi a poder chegar-se-lhe com as pontas dos dedos. Esta natureza convivente e familiar concorre para a formação do temperamento e do character d'essa gente que ri sempre e falla sempre com o coração á vista, não escolhendo pessoas para contar as suas maguas ou os seus triumphos, abrindo-se n'um palrar abundante, para o primeiro que lhe appareça. O minhoto vive nos seus campos, como os seus campos vivem n'elle: é uma consubstanciação, como a definida na palavra de Jesus aos

discipulos, quando lhes disse que todo aquelle que comer da sua carne e beber do seu sangue eucharisticos, existirá n'elle, como elle existe na creatura que o recebe. Nós comemos a carne da terra e bebemos-lhe o sangue nos fructos, nas flores, na agua pura das fontes, nos reverberos do sol, na fragrancia das hervas, na sombra aconchegada das arvores... , por isso vivemos no seu coração, como ella vive no nosso.

Este sentimento global, este apertado convívio do solo e do homem é mais forte e intenso no ermo das montanhas; por isso o accidentado da paisagem minhota o desperta com maior vigor. Aqui o homem deixa de ser pessoa, o seu naturismo absoluto transforma-se em egoismo poetico. A vida elementar que fervilha em volta, concorre poderosamente para esta transsubstanciação cosmica. A muita sombra e a muita agua, o enebriante perfume e a seiva correndo tumultuosa, enleiam-nos o pensamento e o sentir. N'esta região de canduras antigas, as fontes cantando no meio de fetos, vão-se junctando para o marulhar dos ribeiros, entre silvedos e urzaes; mais alem essas aguas formam os estreitos rios, que deslisam pelos campos ridentes, dentro de margens penhascosas ou salgueirae copados. D'onde virá tanta agua para criar tão verdes hervas e tão lindas flores? Ignora-se: rebenta por toda a parte, em olhos espertos. Os rios são como os antigos conventos franciscanos, que viviam fartos, de minguadas esmolas: vae o ribeiro como o antigo frade, de queda em queda pedir ás fontes o seu obulo, que entrega ao rio para chegar ao mar immenso, em caudal magestosa.

Tudo aqui vive da sede d'agua que a terra mysteriosa espreme do seu seio; tudo aqui vive d'essas fontes gementes como corações feridos d'amor, d'essas fontes que murmuram como balar de cordeiro ou arrulho de pombo ou de rôlo. A's veses gorgeiam como pintasilgos e são as mães, dos ribeiros, que estertoram no fundo das brenhas. Dão a sua esmola ao convento mendicante, e é o rio que a vae levar, já bem farto, ao mar que deslisa preguiçoso no areal.

Tudo isto que se vê no valle ameno, coroado de cêrros, em cujas encostas assentam erimiterios e casas aconchegadas, como ninhos e no estreito campo, onde tranquillos bois pascem sob a vigilancia do pequeno pastor d'aguilhada ao hombro, é diferente consoante a quadra do anno. Transformações se succedem nos trabalhos da vida agricola e commum: d'aqui novos aspectos

nas paisagens e nas almas. O começo, na alegria das veigas é a primavera, quando nascem folhas e flores que toucam as arvores, opulentando com suas côres a superficie dos prados. E' o principio de noivado fecundo; não ha olhos tristes perante o rejuvenescer de vida tão maravilhosa. As manhãs trazem surpresas agradaveis: o que era hontem escuro no tom da terra safara, apparece hoje vestido de verde claro; o que parecia morto revive; o que era sombra é luz. Os rebentos novos, coroados de petalas roseas e brancas, da côr dos lyrios, em cujo seio se crearão os frutos, enchem, n'um hossana glorioso, as colinas e os prados. As espertas plantas selvagens concorrem a esta festa com as suas vestimentas pobres, mas donairosas, consolando a alma poetica do camponez. Não existe a esterelidade; porque a côr e o perfume são delicado mimo, como o fruto. Fruto, côr, perfume tudo vem do coração da terra, onde palpita o coração do céu, que ás veses apavora a sua grande amiga, com ribombos medonhos de trovão e incendios apavorantes de raios.

Essa donairosa senhora que se chama primavera, gentil e dardivosa fada, que parece só ter flores, é que pelo seu poder inicial enche de molhos de espigas os musculosos braços do obeso estio, que assim fica ovante, como triumphador em aspera batalha. E tambem dos seus fecundos seios, lhe verte nas mãos abertas saborosos frutos e lhe corôa a fronte de fauno com grinaldas de cachos loiros ou escuros como amoras. E quando vier o momento do calor estuante impôr descanso, quem gerou a sombra do arvoredado, ao lado do regato adormecedor, senão a primavera iniciando a grande festa da criação?!... O *utile dulci* horaciano tem aqui a sua applicação ao ninho preparado pela natureza á deliciosa preguiça dos felises, que para o repouso nasceram. Temos, pois, a flor encanto da vista, o fruto que deleita o paladar, a canção da agua acariciando o ouvido... tudo para prazer da nossa carne sofrega.

E a nossa alma, e a nossa mente? Essa recebe a lição do trabalho fecundo da natureza, na lida ininterrupta do camponez operoso.

Mas porque a terra prodiga e muda, nada ensine ao homem, para bem da justiça direita, é que talvez o sol arrefeça no outomno e as arvores, os campos e os montes entristeçam, entrando-se no periodo de lucro do labor do estio. Não nol-o diz a mente, que tudo procura explicar pelas severas leis do cosmos;

mas ensina-o o coração, que no simile encontrará paradigma, para fortalecer sobre a terra egoísta e maldosa, a necessária noção do Bem. Acreditemos antes, que o globo tendo-se esforçado em nosso prol, durante um longo período, agora vai repousar de fadigas, deixando-nos recolher frutos e que nós o devemos imitar pelo acrescentamento do nosso thesouro moral.

O tempo do outomno, quadra de melancolias tranquilas, é encantador em todo o campo, mormente no Minho. Amarellecem e caem as folhas; as primeiras lufadas de vento impellem-nas, aconchegando-as, em montes, nos recantos dos caminhos. Já estão guardados os frutos: maçarocas de milho nos espigueiros, o grão na arca ou na tulha, o vinho continua a fervura na adega, as castanhas esbagoam dos ouriços, pinta a azeitona que breve os torcos cubiçarão. O sol amarellenta no horisonte; as arvores, ao desadornarem-se, mostram austeridade resignada; as primeiras nuvens, como farrapos voantes, maculam o ceu azul; as primeiras chuvas salpicam a terra. Esta melancolia, que não é tristeza, mas forma atenuada d'alegria, sorri-nos como um amigo na despedida. O sol, na sua pressa para outras regiões, espreita-nos por entre as penedias dos montes. Reconhece-se em toda a natureza certa meiguice saudosa; sob os pés do caçador pertinaz, a carqueja da chapada agreste, geme ouvindo o aspero levante de perdises em manadas. Ventos fortes obrigam as coroas dos pinheiros a inclinarem-se soluçantes; os primeiros frios aconselham agasalhos; os nossos olhos maguados assistem, a todo o instante, á morte de coisas que viveram; nos tegurios dos pobres accendem-se as primeiras fogueiras invernaes. Já se ouve ao longe o grito ancioso do cevado debatendo-se sob a faca do matador, subjugado pelos braços fortes de homens sem coração que, vendo-o no estertor, lhe dizem facecias.

Começou o inverno. Tudo triste e sombrio: galhos estendidos sem folhas, nem frutos; campos sem pão; os trovões a roncar irados das cristas dos montes; os rios turbulentos sahem dos leitões; já não sussurram ribeiros, já não gemem fontes. Aquelle siciar de resa que estas leves aguas fallavam, é agora caudal petulante d'algararra. Não apetece, como no calido verão, abeirarmo-nos das correntes frescas e limpidas, ouvir suas cantilenas, repousar perto, n'uma preguiça anachreontica. Tudo mudou: as timidas donzellas toucadas de rosas que eram as fontes, os alegres satyros enfeitados de heras que eram os regatos, transforma-

ram-se em bandos de bebedos e collarejas, golfando os insolentes ralhos, que veem n'esta quadra dos rios. Nas serras altas, as agulhas das penedias furam nuvens caligineas, os seus pinaros estão cobertos de neve. Da manhã para a tarde, ás vezes com sol, principiam a esvoaçar flocos, semelhantes a petalas miudinhas, e em poucas horas tudo apparece branco. São immensas toalhas a corar, sobre o dorso de grandes dromedarios. Parece que vamos assistir a uma boda de gigantes, celebrada á face do céu infinito. No valle onde repousamos, o frio aperta as carnes; dos braços nus dos carvalhos e das cerdeiras pendem brincos d'agua congelada, sente-se ao longe a imprecação da trovoada. E' o dezembro aspero, o natal domestico, o aconchego da lareira, a corôa resada em côro, o estoirar das castanhas debaixo das cinzas. Ha gemidos de musica d'orgão no vento que passa pela chaminé; o fumo do incenso ergue-se junto do altar do menino-deus nascido; um *sursum corda* fervente levanta os corações dos crentes.

\*

\* \*

Este é o quadro zodiacal, onde se move a densa população mi-nhota. Em cada uma das suas fazes, o character d'essa gente apparece differente — dissémos. Os mais garridos, variados e interessantes aspectos da sua vida são os das estações em que o sol acaricia a natureza, quando as aves canóras se ostentam no meio de flores. Teem essas aves um companheiro, que como ellas anima a primavera e o estio: é o legendario cego trovista. Mal sente gorgeios de passarada pergunta ao moço, seu companheiro, se já lhe pode acusar os primeiros rebentos e as primeiras flores. Então sahem ambos do seu tugurio, elle com a mão direita no hombro do moço: lá vão pelos caminhos tortuosos parolando, sempre precedidos do cãosito, que faz habilidades e dança pi-ruetas. O velho pedinte canta a sentida melopeia, o creado acompanha-o no choroso violão, quando não é o contrario. Cegos de sanfona não se encontram hoje. E' pena; porque a fecunda inventiva humana, poderá cogitar seculos, sem encontrar outro instrumento, que melhor acompanhe o mendígo annunciador do tempo florido, nas nossas aldeias do norte. Eu ainda tive a ventura de conhecer uma sanfona, que alegrava em vez de entristecer, com o som roufenho de suas cordas desferido. Foi o ultimo

dos trovadores antigos, o seu possuidor. Trazia-a acautelada, como preciosa reliquia, debaixo do capotinho de saragossa, formando-lhe sobre a anca esquerda uma saliencia, como de pessoa que levasse coisa roubada. Ao approximar-se de casa de boa apparencia (do que o moço o avisava com certo puxão na manga), logo elle se quedava dizendo em voz breve: «Anda lá Teco». Era aviso ao cãosito, que se approximava, sentando-se nos quartos trazeiros, as mãositas no ar, as orelhas guichas, o olho esperto, esperando a canção. O velhote tirava de sob o capote, pondo-a á vista de todos, a sanfona que afagava docemente com a mão, antes de lhe dar á manivella. A' primeira volta, a sua voz modesta, mas bem timbrada, começava a bella redondilha:

Menina lá do mirante,  
A' espera de quem passa,  
Deite-me vista saudosa,  
Um olhar de sua graça.

E prevenindo o animalito com a rubrica, «agora Teco», entoava o seu popular estribilho:

Ora vae de bailar,  
Ora vae de saltar;  
baila aqui olé,  
salta ali laré!

E o esperto animal secundava-o interessadamente. Todo elle era requebros e tregeitos, todo elle denguices para o velho e para as senhoras que se riam: arqueava o corpo, revirava os olhos com acenos de cabeça e a lingua gaiata fóra da bôca. Davam-lhe de boa vontade a esmola e a velha creada que a vinha entregar, recommendava ao coração do cego o seu companheiro:

— Dei um bocado de pão ao Teco, que bem lh'o merece, tio Lourenço.

Ao que o mendigo retorquia:

— Deixe-o lá menina, que elle ainda é mais mariola do que o dono.

Sanfona ao dorso, avolumando como mochilla de soldado, partia o velho com a mão no hombro esquerdo do moço, levando o alegre Teco, sempre adiante como explorador. O maguado violão, ou a sentida rebeca não substituem, para mim, a roufenha sanfona; mas presentemente fazem serviços assignalados ás rapa-

rigas, que para ouvirem o céguinho, mais facilmente se livram da vigilancia materna nas romarias, acercando-se dos derriços e recebendo, sem queixa, o beliscão amoroso no braço roliço.

\*  
\*   \*  
\*

As romarias e as feiras são os maiores acontecimentos do Minho. N'aquellas de orago famoso, o divertimento é grande; mas por excessivo que seja o luxo de foguetorio, de festa de igreja, de musica vinda de longe, nenhuma dispensa o tradicional zabumba, e sua caixa de rufo, havendo ás vezes duas parselhas, quando o mordomo é liberal. O zabumba, o celebre *Zé-pereira* do povo, é sempre tocado por homem esforçado e barbudo, mestre em saltos e cabriolas, que fazem as delicias dos circumstantes. Timbra em se mostrar agil e gracioso no modo de ferir a pelle do instrumento. Toma atitudes caprichosas, mudando o zabumba com grande destreza: ora o tem no dorso, ora no hombro, umas vezes na cabeça, outras aos pés, sempre em piruetas, sempre tocando em cadencia com a caixa e com o gaitero, se o ha. Sua e tressua nestas cabriolas, faz praça da grande area do terreiro, alarga a roda no meio da gente, que o acompanha com palavras de apreço e louvôr.

Entre romarias e feiras se passa toda a alegria campesina. As romarias são feiras em parte e as feiras teem a bulha alegre das romarias. Esta população activa e remexida, mostra tanto de religiosa, como de commerciante. Terá ella a origem phenicia que alguns lhe assignalam? Viriamos nós d'essa sonhadora Syria, onde se ostentou a soberba Tyro; e virá d'ahi o nosso feitio religioso e genio commerciante? Renan, o entusiasta historiador da raça privilegiada, que encontrou o verdadeiro Deus nas melancolicas paisagens da Palestina, diz que a alma semita reune em si ardentemente dois sentimentos antagonicos: o do amor de Deus e o do amor do lucro. No fundo não serão estes dois aspectos da humana natureza, um só e o mesmo: a representação do nosso egoismo? Porque amamos Deus? Porque nos promette a fruição da vida eterna. Porque amamos o oiro? Porque nos garante o goso da vida terrena. Interesse da terra que pisamos ou da patria celestial que pretendemos, é sempre interesse: tem o mesmo fundo psychico. A separação existe na nossa imperfeita linguagem, a unidade existe na natureza.

Justamente no instante em que estava ideando estas coisas, á sombra dos meus velhos carvalhos, passava na estrada, que bordeja o meu caramanchão, um rancho alegre de raparigas saudáveis, com os cestos vãos do cebolinho, que tinham vendido, neste alegre domingo de maio. Os seus magníficos seios, cobertos de lenços de ramagens garridas, os oiros pendentes das gargantas e das orelhas dão-lhes aspecto festivo. Vinham cantando uma melopeia dolente, de toada religiosa, cheia de graça e plangencia. Era uma canção á Virgem. Sem que eu o pedisse; mas porque perceberiam, na minha physionomia, interesse em as ouvir, tiveram a delicadesa de parar em frente, formando graciosa pinha de lindos rostos e de lindos olhos, e ali continuaram a cantiga maviosa. Eram todas de *Magalhães*, freguesia dada á cultura do cebolinho, que d'ali mandam vender aos mercados visinhos. Tinham feito o seu negocio, traziam, nas algibeiras bordadas, o producto e retiravam contentes entoando canções ao divino. E' o amor do ganho a par do sentimento religioso. Seremos nós semitas originarios da opulenta Tyro, ou da guerreira Cartago? Não sinto, como o historiador da vida d'Israel, a autonomia dos sentimentos por elle apontada. Talvez isto venha, antes, da influencia do aspecto montuoso e sorridente da paisagem. A sua Bretanha, a velha Syria e o nosso Minho, teem semelhança no tom melancolico da paisagem em certas quadras do anno. Quando se ouvem as produções da alma collectiva de qualquer d'estes povos, sente-se-lhes parentesco.

\*

\* \*

Os rapases e as raparigas, que nas romarias e mercados lidam e brincam, são os mesmos esforçados companheiros dos trabalhos campestres. Elles e ellas, é que com o arado e a enxada fecundam a terra, abrindo-lhe no seio ubere o rego, onde a semente germinará, para nos dar a fartura. A sementeira é sempre uma risonha promessa, faz-se com alarido de festa. Afunda-se bem a charrua, abrindo e voltando a leiva, enquanto pucham os pacientes bois, sob a ameaça da aguilhada. As esforçadas raparigas picotam os torrões para os desfazerem. Andam ás duas, conversando para assim não sentirem a agrura do trabalho. Vem depois o sementeiro, com o seu largo gesto d'abundancia, espalhar o grão, que os gulosos passaros comeriam, se não apparecesse:

logo a grade, puchada por uma só junta, com um rapasito á sôga. Com os dentes e algumas veses com o dorso se esterrôa e achansa a terra, cobrindo a semente, de modo que tudo fique liso, como palma de mão senhoril!

N'este dia de risonhas esperanças a fartura é d'uso. O jantar do camponez é saboroso como de festa. Sentam-se os trabalhadores em volta da toalha branca, estendida sobre a relva, n'um sitio umbroso. A tigella de caldo fumegante e o bacalhau cozido, acompanhado de batatas e regado parcimoniosamente de azeite, formam o tudo da modesta refeição.

Mais tarde as sachas do milho fazem-se acompanhadas de descantes profanos e ao divino. As raparigas de pernas forçosas e lenços floridos na cabeça, é que afofam a terra para arejar a raiz do milheiro. Riem, gracejam, levando o trabalho com a alegria consoladora da sua mocidade sadia. São as mesmas que na monda, depois catam a seara dos seus rebentos bastos e dos enfesados. E' trabalho que se executa de boa cara, se o anno promette.

A colheita, quando vem, faz symetria com a sementeira. Uma foi a esperança outra é a realisação. Nos bons annos foicinha-se o milho com desembaraço e contentamento. As esfolhadas após enchem de espigas a eira. E' já pelo mez de setembro, quando as nuvens apparecem no horisonte, como primeiras rondas do inverno. Tem uma tradicional legenda de festa este descamisamento da espiga. Vae um tanto esquecida a esfolhada de noite, entre chufas de mascarar com lenços esburacados pela cara, para intrigarem namorados; mas foi festa de estrondo, bem commentada e significativa do premio ao camponez, pela sua vida porfiada de lucta com os elementos adversos. A uma assisti, ainda muito creança, em que appareceu uma cantadeira celebre, muito apreciada pelo seu talento d'improviso. Era a Rita Canaria, o genio alegre da Cerda e com louvores em todas as mais freguesias, á roda. Chama-vam-na para as festas em que o seu genio pudesse brilhar e d'esta vez ouvia-a em desafio com o Zé Santinho, um velho repentista como ella. *Deitou* então a Rita a seguinte cantiga, que me ficou, e que é variante de trova conhecida:

«O meu amor é pedreiro,  
«rapases bem o sabeis;  
«trabalha com pico d'ouro,  
«de que farei meus anneis.

Houve festiva e acalorada gargalhada, com muitos applausos e vivas, para festejar a cantadeira de Cerda.

\*

\* \*

N'esta lucta antiga, e que será perpetua, do homem com a terra para d'ella tirar, com o esforço do seu braço, aquillo com que sustentará a mulher e os filhos, essas moças contentes teem o maior quinhão no trabalho. A eira é a victoria e se o anno é bom, tambem representa o descanso, que a ellas mais que aos rapases se deve. A terrivel emigração, n'um exodo quasi biblico, tem levado d'esta linda provincia portuguesa, o melhor que ella tinha em braços d'homens. E' não só a robustez do corpo, mas o espirito de iniciativa que nos abandona; pois que todos esses, que teem a coragem sombria de abandonar o seu florido berço, são, de certo, os mais valiosos pelo character forte e imaginação viva. Elles que sentiram em si o acicate da chimera da riqueza, — quantas veses fallaz! — conquistada entre estranhos, se aqui ficassem poderiam empregar a sua energia intrinseca em aformosear o torrão do seu paiz e no acrescentamento directo do nosso progresso social! A inventiva caracteristica dos audazes de alma, é que hoje nos falta, e os filhos d'esta minguada patria, vão-na levar a climas adversos, onde muitas veses o seu vigor sucumbe e elles morrem com os olhos na louca miragem, que se esvae, ficando-lhes o coração mirrado pela illusão desfeita. São dramas pungentes e obscuros, que ninguem contou e só podemos presumir; mas que devem ser crudelissimos e tenébrosos no momento do trespasse.

Que especie de loucura é essa que leva um coração a morar fóra do seu peito? Não a percebo, eu, que sinto vivissimo o amor da terra em que nasci, que até julgo ouvir o rumor da seiva das minhas arvores, como se fôra o meu proprio sangue, que me irrigasse o cerebro. Sempre me conheci assim: quando, aos doze annos de idade, pela primeira vez me afastaram de casa, para me acrescentarem o valor em cidade distante, foi enorme a minha dôr. A' distancia de mais de cincoenta annos ainda a reconstruo com a mesma intensidade. Era um dia quente, não sei de que mez maldito. A longa fila de machos do recoveiro a quem me confiaram caminhava, caminhava por estradas aconchegadas na som-

bra dos arvoredos. O animal da frente, com o seu chocalho badalava, badalava, deixando cahir esses sons, como lagrimas, pelo caminho. Aquillo parecia-me sahimento funebre e nem a guizalhada alegre da montada do almocreve, me distrahia da minha tristesa. Ao cahirem as sombras da primeira noite de jornada, a saudade da terra augmentou, e parecia-me que sobre a minha vida desabara uma catastrophe irremediavel. Chorei copiosamente: os lenços com que me dotára a solicitude materna, eram poucos para o meu pranto. O homem rude a quem me haviam confiado fazia-me luzir a esperança de tornada em breve. Eu nem o escutava, entregue ao meu soffrer. Lembro-me que tivemos a primeira paragem d'um dia, na sua risonha aldeia e em sua casa, onde as filhas, duas creanças como eu, para me consolarem me offereceram ameixas, que para mim seriam menos dôces do que as encarecidas por Schiller e encontradas no caminho de Weimar, quando elle visitou o deus Goethe. Voltei realmente no anno seguinte, pela mesma estrada sagrada. A minha alegria de rever as paredes da modesta casa que abandonara, enchia-me o peito de commoção, lagrimas de goso me empanavam a vista. Por isso mal comprehendendo o desaffecto dos emigrantes voluntarios, que tenho visto partir contentes, para a conquista d'aquella sonhada riqueza que a poucos toca.

Elles vão, mas ficam as raparigas que bastam para enriquecer o colorido do presepio minhoto. Outr'ora eram raras as mulheres que acompanhavam o emigrante: n'ellas o carinho da terra é mais intimo, vivem mais consubstanciadas com as coisas que as cercam.

As arvores, os campos, o campanario vistoso, o regato murmuro, o sino que chama para a missa, a festa do orago, . . . formam um conjuncto orchestral com que a sua alma se delicia. E tem mais as romarias cheias de cantigas, as feiras cheias de bulhas, as sementeiras, esfolhadas, espadeladas e até a lareira aquecedora nas noites invernosas, para lhes interessar a imaginação. Antes a pobreza em casa do que a riqueza fóra d'ella — dizem. E ainda bem; porque sem ellas, sem a sua alegria, a sua voz, o seu olhar, o seu amor, essa paisagem esmorecia e desvalorizava-se. São essas bellas moças desambiciosas, que ficam a resar pelos ausentes; são ellas que dansam nas bôdas, que entôam os clamores á Virgem pelas estradas e nas novenas, que descamisam as espigas de milho, que vendimam os sumarentos cachos,

que espadellam o linho... sempre cantando e sempre rindo. Ellas são o sal da terra, irmãs das aves canóras, sombra e luz dos arvoredos e das aguas. Delgadas como haste de roseira, flexiveis como vara de vime, aprumadas como rebento novo, ageis como novilhos, voadeiras como pombas, amoraveis como rôlas, frescas como o orvalho, uteis como o trigo...; são o sal da terra, a luz da vida campestre. Não existe no vasto mundo mulher que se lhe avantage no trabalho, na virtude e no contentamento. A mulher minhota é consoladora dos afflictos, amparo dos tristes, fortaleza dos timidos, causa d'alegria, arca d'alliança, estrella d'alva e, attendendo á sua graciosa fecundade, é *mater mirabilis*, mãe admiravel. D'aqui é a querida e virtuosa mulher, que me trouxe no seu ventre e me creou com o seu leite.

\*

\*       \*

O que não podem conhecer os forasteiros que visitam a provincia do Minho, para recreio dos proprios olhos e até o não conhecem muitos dos seus naturaes, que habitam as villas cercadas de veigas, é esse outro existir patriarchal, escondido nas dobras das asperas serras. Certamente que lhes faltará a grandesa herculea das montanhas alpinas ou pyrenaicas; mas ahi se encontra, como em todas as alturas selvaticas, a ditosa vida ignorada, essa vida elementar e simples, quasi primitiva, de certo muito parecida com a do aborigine portuguez. Na rude Illyria e na accidentada Slavia se recolhem montanhesees guerreiros e caçadores, que não terão maior espirito de independencia, nem mais feliz desconhecimento da *civilização*, do que o tem essa boa gente que reside nas vertentes do Gerez. Quem n'um golpe largo, olhando de baixo e a distancia, contemplar o prolongamento successivo dos terrenos ondeantes, terá a impressão de, pelo aspero do dorso e pela arrogante corpolencia, vêr uma accumulção de gigantescos hippopotamos, que ali ficassem petreficados, após immenso cataclismo diluviano. Pois é no costado e nas juncções e nas chapadas d'essas grandes alturas que vivem os povos da região, acantoados nos seus vales exiguos, entre bre-nhas de carvalhos rasteiros, codeças e grandes giestas. No convivio dos seus animaes de pequeno porte, alimentando-se do leite das suas cabras, vestindo-se da lã das suas ovelhas, sementando

o milho nos terrenos regaveis, o centeio nas encostas soalheiras e o macio feno nos terrenos alagados fruem a existencia serena das sociedades primitivas. Só o aventureiro caçador conhece o interior d'esses abrigos de casas, formadas de pedra tosca e cobertas de colmo. O feno ali é fino e aromatico, uma essencia suave e rescendente, que esbate os fortes odôres do piorno, da carqueja e do tojo. Os gelos são em alguns sitios perennes, o lobo vagueia junto das brandas á espreita d'um descuido do pastor, para lhe mondar o rebanho. Vôa a aguia real ostentadamente no ar limpido, oscillando perto de coisa viva que lhe sacie a voracidade, mais soffrega que a do lobo.

A nossa amollentadora *civilização*, nem sonhada é por essa gente rude. No verão grimpam com os gados aos cumes onde a pastagem é melhor; no inverno descem aos abrigos das encostas e dos valles, a fugir das neves que tudo cobrem e branqueiam. E' a retirada completa aos lares pendurados nos flancos da motanha. Esses colmados são tão exiguos, que parecem feitos para liliputianos ou para essas creaturas que o Infante D. Pedro (*o das sete partidas*) encontrou em terras da Syria e pareciam creanças de cinco annos. Mas não, o nosso montanhez é apenas mediano de estatura, seco de carnes, mas forte e resistente para o trabalho da sua lavoura e rude pastoria. No mesmo apartamento, que ás veses é toda a casa, sem separaçõesmeticulosas, dormem paes, filhos, o cevado e está a lareira que a todos aquece. O gado de cabras e ovelhas repousa na parte inferior da habitação mal soalhada, ou em côrte cavada ao lado, no dorso do monte, guardada a entrada por solido calhau, que o lobo faminto, não poderá remover, por mais que fareje.

Os interesses da imaginativa do montanhez não devem ser largos. Entre o terror e o enleio, que vem do céu com a tempestade e com o sol, e o goso e as amarguras que lhe dá a terra ingrata, tudo se deve passar d'um modo simples na sua alma. Do alto as tempestades amedrontam e o calor e a luz vivificam; no chão só conhecem as searas e os gados, e vivem no respeito familiar dos rochedos, antigas testemunhas do que entre elles se passa em alegrias e desconsolos. Em cada logar o lume é distribuido á tarde pelas casas, depois de o terem conservado permanente, como nos tempos religiosos, em que as vestaes o entretenham com respeito. São desconhecidos os lumes-promptos: os serranos não concorrem para a existencia d'essa industria

incendiaria. Quanto a luz conhecem a do sol, a da lareira, a da sua candeia e a dos cyrios sagrados, que vêem na egreja, venerando Deus e a côrte de santos.

E' este, provavelmente, o representante mais directo, do mysterioso autochtone que nos deu a existencia social. A população dos altos é testuda; cabellos, pelle e olhos escuros; é bem differente da ribeirinha, onde se encontram rios chãos e apparecem os loiros descendentes dos antigos godos. Oriundos de stirpe nublosa, sem contacto com a civilisação, o habitante das serras mi-nhotas (e provavelmente das transmontanas e beirôas), conserva a rudeza nativa; o seu character independente e pouco ductil, explica a insubordinação perante as leis dos homens civilisados, que são futeis obstaculos á sua liberdade. Verifica-se entre estes serranos uma característica apontada por naturalistas, para outras regiões, qual é a pequena differença, á primeira vista, entre os dois sexos. Um vulto ao longe, com um molho de lenha á cabeça, só pelo vestuario se pode dizer se é homem ou mulher. Um e outro tem a musculatura secca, a pelle tannada: os homens de pouca barba, as mulheres de magros seios.

O seu ideal religioso limita-se á missa nos domingos e a qualquer predilecção por algum santo condescendente, que lhes tenha correspondido á offerenda feita, com algum milagre sincero. Alguns dos seus padres, vivem a vida commum ou pouco mais. Uma vez, um companheiro meu de caçada na serra de Soajo levava a incumbencia d'um tio, para dar certo reccado a um sacerdote, que vivia n'esses montes. Procuravamol-o para os lados da egreja, que viamos branquejar entre arvoredos e penedias. Quando para ahi nos dirigiamos, encontramos um individuo em mangas de camisa e tamancos nos pés, que trazia ao hombro um cesto d'espigas. D'elle inquirimos a morada de quem buscavamos. Pousou o cesto no rebordo d'um penedo, encarou-nos com sobrecenho inqueridor, perguntando:

— Eh! vós que lhe quereis?!...

— Dar-lhe um recado de meu tio... — disse o meu companheiro, declinando o nome.

— Então dizei lá...

Era o homem que desejavamos encontrar.

Vida encantadora e honrada, esta das montanhas desconhecidas da civilisação. Como deve ser ditoso acordar entre asperas

penedias, ao som ralhador das quedas d'agua, que se precipitam pelas ravinas fundas, entre urzaes e silvedos! Como será aqui a morte?... Um adormecer rythmico e suave do coração, sem sobresaltos d'ambições e bem differente do fim do homem ambicioso, estragado na ancia perturbadora do progresso.

\*

\* \*

O meio commum de percorrer essas estradas, que se estendem como teias de linho branco em coradouro, é o da antiga diligencia. Não se conhece instrumento mais vagaroso e divertido para fazer uma jornada! Conheci um cocheiro, que ao mesmo tempo era dono e zelador do bom serviço da sua carrinhola, que recebia elle mesmo o preço da carreira, antes da partida. Não fiava e quando o censuravam pela usada prudencia, respondia que o seguro morrera de velho, e que via caras, mas não conhecia as algibeiras de cada um. Fazia elogio pomposo do seu gado: não havia melhor em todo o Minho, custava-lhe até a domar a furia locomotora dos trez rocinantes que o ouviam socegados e mediatubundos, com as cabeças penduradas dos magros pescoços. Não largava sem ter o carro cheio ou quasi; porque, se succedesse o contrario, nem os proprios animaes fariam gosto no serviço — allegava. A primeira hora passava-se em caminho plano: o trote era regular e a guizalhada triumphante; porém logo na primeira subida, os cavallos moderavam o passo e elle principiava a sua conversa com os passageiros para os distrahir. A pretexto de que o tempo corria fresco, descia do assento e convidava os companheiros a que o imitassem para desentorpecerem as pernas. Aos passageiros de dentro acrescentava que a vista era muito bonita cá fóra e que não valia a pena irem a cabacear com somno. Conseguia assim uma assembleia geral movente, contava casos e pilherias e se era o tempo da fruta, subia a uma macieira do caminho e distribuia prodigamente azedos pomos pelos fregueses, enquanto os animaes gemiam na vagarosa subida. Era o momento de elle contar a historia de um dos cavallos, que tivera uma dôr na noite precedente e seria uma caridade que o poupassem no serviço. Dava elle primeiro o exemplo de metter o hombro á caranguejolla, e, se via algum freguez mais forçudo, pedia-lhe que o imitasse, no que era muitas vezes attendido.

— Isto — justificava — é só até ali ao alto ; porque para baixo são uns cavallos reaes. Os amigos bem vêem — discorria ainda — que a bagagem é muita, e os animaes são de carne e osso como qualquer de nós. Os senhores trouxeram tudo quanto tinham em casa, caixas, bahus, saccos... um inferno. E' preciso ter consideração pelos outros, como desejamos que a tenham connosco. O peso é d'alagar, os senhores comprehendem-no bellamente. O preço d'uma corôa por corpo e bagagem é de graça.

Este carro denominava-se «O mais veloz». No Minho todas as diligencias teem nome, que designe ligeireza, aceio, formosura ou qualquer qualidade brilhante (coisas sempre desmentidas). «A fugidora», «O vencedor», «Não me pilhas», «Rainha das flôres», «O mais catita», «Oh! que linda menina!», «Vou ali e já venho», são designações usuaes. N'uma estrada de Guimarães andava um carro, todo novo e bem pintado que se chamava: «Sou republicano teimoso das Taipas». Este fazia confissão clara de principios politicos.

E' a região do imprevisto comico, a provincia do Minho! Tenho emprehendido jornadas em diligencia, só para me sentir misturado a mulheres palreiras, que contam toda a sua vida singela, ao fim de cinco minutos de conhecimento. São essencialmente niveladores estes encontros: o padre, a senhora, a camponesa, o artifice, o feirante, o caixeiro... é tudo o mesmo. Logo que um principe ou um banqueiro se lembrassem de percorrer cinco leguas, em dez horas, dentro d'uma diligencia, tornavam-se gente como a outra; além de que deverá ser homem pouco apressado ou um tanto philosopho, aquelle que o fizer. Viajar de carruagem ou automovel para se não misturar ao vulgo, é trivial e sem originalidade. N'uma d'essas minhas viagens em alegre e casual companhia, aconteceu-me que o automedonte, tinha sido meu condiscipulo em primeiras lettras, na escola régia do tempo... Elle ficou analphabeto e eu... pouco mais. Sentindo-me a seu lado em conversa memorativa do passado, quiz fazer um *serviço d'exame* e, aos meus receios á vista do gado escanzelado, assegurou-me:

— Qual! Estamos lá n'um ai! São magros, mas teem a vantagem de irem mais leves. A carne pesa e não faz minga p'ra puchar — entendia.

As minhas suspeitas não eram infundadas. Em duas longas horas tinhamos percorrido duas meias leguas com peripecias de esgarçamento de tirantes, de quedas dos cavallos, que os com-

passivos passageiros ajudavam a levantar e outras arrelias. O meu antigo condiscipulo praguejava, flagelava, rogava carinhoso os animaes, que se mostravam surdos a castigos ou palavras ternas. A's vezes paravam, sem outro motivo que não fôsse o de se recrearem com os improperios do dono, a quem eu aconselhava paciencia e moderação.

— Deixe-me, senhor, — respondia — que os arrebento hoje! Os melhores cavallos de todas as carreiras do Minho. Raios! E logo hoje é que me prégam esta! Sou homem p'ra lhes trincar os figados!

Tivemos uma paragem, para entrega de malas de correio, em Villa Verde. Foi um allivio nas pessoas e para os animaes. Todos os passageiros se apearam, para estender as pernas e endireitar as costas. Havia quem commentasse a jornada com acrimonia. Entre os descontentes estavam dois casados, pessoas sérias e rasoavelmente nutridas. Elle exhibia um grilhão, que faria a fortuna d'um gatuno exigente; ella o retrato do marido n'um broche do tamanho d'uma lua. Era gente de habitos sedentarios, que tinha em grande preço as suas carnes viajantes. Parece que haviam combinado dentro da diligencia não continuar a perigosa aventura. Com tal proposito, o marido, achegou-se docemente ao cocheiro perguntando:

— Não haverá aqui uma carruagem que se alugue?

— P'ra quê? — perguntou-lhe com máu modo.

— E' que por meia duzia de corôas... A gente tem as cabeças ainda inteiras e não as queria quebradas...

— Ora essa! — exclamou soberbo. O meu amigo e mail-a patrôa serão mais que o senhor doutor? (designou-me). E' lá p'ra dentro e já, que vamos partir.

Os casados obedeceram submissos e receiosos; porque o homem não era de boa catadura. Ao fechar-lhes a porta da diligencia nas ventas, commentava o meu ex-condiscipulo:

-- Ha gente que nunca está *stisfeita*. A seis *testões* cada bico dentro, queria talvez caminho de ferro de primeira!

São assim as viagens na minha terra. Quem as fizer d'automovel andará mais depressa e mais commodamente; porém jornada com certeza menos divertido.

Cortinhas, Maio de 1915.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

## Relações luso-brazileiras

---

Muitas vezes, apontar os erros não envolve maledicencia, mas apenas significa a bôa vontade de corrigir situações falsas.

E' o caso das relações luso-brazileiras, que, mais uma vez, vamos estudar nas suas faltas. Essas lacunas indesculpaveis que, dia a dia, se notam, sem se lhes procurar remedio, muito concorrem para o desconhecimento mutuo dos dois povos irmãos.

Até agora nada se tem feito de positivo para uma approximação de Brazil e Portugal.

Houve, é certo, esse projecto do «Accôrdo luso-brazileiro» de Consiglieri Pedroso, de 1909, que morreu com o seu auctor.

Desde então nada mais se fez. Continua a mesma indifferença, a mesma incuria, — incuria e indifferença, que prejudicam os mesmos interesses commerciaes.

No entanto o plano do velho professor Consiglieri é digno da sympathia das classes illustradas dos dois paizes. Elle representa uma justiça para o Brazil e um incentivo para Portugal.

Teve, porém, a revestil-o, no seu inicio, a complexidade bálôfa das grandes commissões que nada fazem, e recebeu a promessa dos auxilios officiaes, que sempre faltam.

Com tão máus principios tinha de morrer cêdo. Faltou-lhe tambem o apoio do auctor, levado para o tumulo, quando, no Brazil, a primeira embaixada intellectual lançava as sonhadas bases do accôrdo luso-brazileiro.

Vieram, a seguir, os acontecimentos conhecidos de todos nós, o que trouxe como consequencia tornar ainda mais completa a indifferença dos antigos tempos.

Mas agora que uma nova corrente se estabelece para a con-

tinuação da obra de Consiglieri Pedroso cumpre-nos, a todos, a tarefa de bem servir os interesses dos dois povos, apontando os erros que merecem um prompto remedio.

E, para isso, basta archivar as queixas diarias, apontadas em conversas de portugueses e brasileiros.

Começamos por salientar a excepção curiosa, que existe na correspondencia postal.

Era natural que entre o Brazil e Portugal houvesse uma taxa minima, como ha realmente entre Portugal e Hespanha e entre a Inglaterra e os Estados Unidos da America do Norte. Isto facilitaria as relações luso-brazileiras e seria de grande utilidade para a familia dos emigrantes portugueses.

Não acontece assim, infelizmente.

A taxa postal entre os dois paizes é a mesma que, por lei, se applica a qualquer paiz estrangeiro. E, nos correios portugueses, só se acceitam encommendas postaes para o Brazil e para outra republica sul americana com o peso maximo de 3 kilogrammas, ao passo que para todas as nações da convenção postal, o limite é de 5 kilogrammas.

Não queremos accusar um dos paizes isoladamente, porque, dada a importancia da correspondencia entre o Brazil e Portugal, era natural que um dos paizes tentasse vencer a reluctancia do outro, convidando-o a revogar esse archaico e pouco commodo regulamento postal.

Temos ouvido defender a situação vigente, com o argumento pouco engenhoso de que existe uma outra nação em identicas condições.

Mas esses defensores do actual regulamento não se lembram que esse outro paiz da America do Sul, de raça hespanhola, tem as suas grandes relações com a antiga metropole e não com Portugal. Além d'isso, a importancia da correspondencia postal, entre o Brazil e Portugal, não se pode comparar com a que existe entre este ultimo paiz e a citada republica sul-americana. Esta é que é a verdade.

Tambem, nos ultimos annos, se vem reclamando uma convenção litteraria luso-brazileira para garantia dos auctores e dos editores de Portugal e Brazil. E' uma necessidade que se impõe, effectivamente, por causa dos abusos praticados com as edições de varios auctores.

Não nos consta que tenha havido qualquer tentativa séria para

regularisar um assumpto de tanta importancia. Com esta falta soffrem os auctores que não podem assistir á fiscalisação das edições das suas obras, e soffre, igualmente, o commercio sério de livrarias das principaes cidades.

Sendo a litteratura brazileira desconhecida em Portugal, era conveniente que, no estudo de uma futura convenção, ficasse estipulada a remessa obrigatoria, de um paiz para o outro, de 2 exemplares de cada obra publicada.

As obras de auctores portuguezes ficariam archivadas na Bibliotheca Nacional e na Bibliotheca Municipal do Rio de Janeiro, e as producções da litteratura brazileira teriam guarida na velha Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa e na Bibliotheca Nacional.

Porém o assumpto que mais tem attrahido a attenção publica nos dois paizes, é a tentativa sempre frustrada das companhias de navegação portuguesa para os portos do Brazil.

Para o commercio portuguez no Brazil, este projecto é uma questão de vida ou de morte.

E se, em epochas normaes, a situação do commercio portuguez soffria as imposições das companhias estrangeiras, — agora, com a guerra, as tarifas de embarque tornam-se simplesmente prohibitivas.

Tivemos o ensejo de conhecer, ha mezes, um factio curioso, que bem demonstra a situação precaria do commercio exportador portuguez:

Um negociante portuguez no Pará, de visita a Portugal, encommendou, a uma fabrica de Lisboa, 12 toneladas de «papel de embrulho» para uso da sua casa commercial no Brazil.

Poucos dias após a encommenda, rebentou a conflagração européa. Decorreu um longo praso, antes que fôsse satisfeita a incumbencia, o que favoreceu o comprador, — visto já terem acabado as difficuldades da navegação para a America do Sul.

Ao receber a mercadoria encommendada, o negociante tomou praça n'um dos vapores da Booth Line, com carreiras para a norte do Brazil.

Mas na occasião em que enchia o «conhecimento» teve a agradavel noticia de que teria de pagar de frete, a quantia approximada de 60 mil réis fortes, por tonelada!

Isto é: ia pagar de transporte muito mais do que valia a mercadoria.

Perante um tal absurdo, requereu, telegraphicamente, uma solução para a séde da companhia em Liverpool. Esta, querendo respeitar e facilitar o compromisso de um antigo freguez, cedeu o embarque pela tabella de Liverpool-Pará, ou sejam 10 mil réis approximadamente!

Resultados da falta de concorrência de navegação para o norte do Brazil, no momento actual.

Apezar de todos os abusos conhecidos, ainda ha quem duvide do exito de uma companhia portuguesa de navegação para o Brazil, — quando Portugal só tem a ganhar com a futura empresa.

Sendo a exportação brazileira para Portugal insignificante, os grandes lucros são para o commercio portuguez, que, com todas estas difficuldades, ainda consegue collocar, nos nossos mercados, uma media annual de 12 mil contos fortes da sua exportação.

Basta attentar n'estes Algarismos, para se vêr quanto lucrava o commercio portuguez com umas tabellas favoraveis de embarque.

Desafogada das imposições dos preços actuaes, a exportação augmentava pela diminuição dos preços de venda nos mercados brazileiros, — se os negociantes portugueses no Brazil soubessem limitar os lucros, reduzindo, por sua vez, o custo já exaggerado dos generos da sua terra.

Ha porém nas relações luso-brazileiras uma falta importante, que, até agora, não mereceu a devida attenção das auctoridades dos dois paizes. Queremos referir-nos aos frequentes casos de instrucção, relativos a exames primarios e secundarios, que não teem tido solução capaz ou duradoura.

Se não estamos em erro, alguma coisa se tentou nos ultimos dias dos governos monarchicos em Portugal. E julgamos poder affirmar que, exactamente, ao ultimo gabinete de Teixeira de Sousa, de 1910, se deve a iniciativa de tão sympathica idéa para a solução das innumeradas difficuldades de todos os annos.

Rapazes brazileiros, filhos de paes portugueses e mães brazileiras ou vice versa, são obrigados, por casos de familia, a interromperem os seus estudos no Brazil para acompanharem seus paes a Portugal. Aqui chegados, a lei inflexivel obriga-os a perderem os estudos encetados, para recommencarem o mesmo ensino por novos methodos.

E' a perda irreparavel de varios annos de trabalho com a sobrecarga de grandes prejuizos monetarios.

O que se faz n'esses casos?

Recorre-se aos consulados que, nada podendo fazer em beneficio dos impetrantes, os dirigem aos nossos representantes diplomaticos.

Ahi tambem nada se póde resolver.

Não havendo uma lei geral que resolva o assumpto, o requerimento é levado pelas vias diplomaticas até ao Ministerio da Instrucção, que, de consulta em consulta, resolve o caso, em geral, indeferindo o pedido.

E quando a justiça é tão flagrante que o deferimento se torna quasi obrigatorio, a resolução chega tarde e o alumno perdeu a epocha da matricula.

O mesmo caso se dá com estudantes portuguezes no Brazil e com o mesmo cortejo de difficuldades, porque os dois paizes não teem procurado resolver definitivamente o problema da equiparação do ensino.

E' claro que isto se entende só com os cursos primarios e secundarios para a admissão aos cursos superiores.

O actual director geral da Instrucção Publica em Portugal conhece perfeitamente os methodos de ensino das escolas brasileiras do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Visitou-as minuciosamente, n'uma recente viagem ao Brazil e teve occasião de avaliar o grao de aperfeiçoamento a que chegaram as escholas primarias e secundarias n'esses dois estados.

Sendo deputado e especialista no assumpto, porque é professor, podia promover uma equiparação de estudos para os alumnos das escholas de Portugal e Brazil, sobre uma base racional de commodidade e justiça, validando n'um dos paizes os exames feitos no outro.

Por certo que esta equiparação só deve existir para as escholas primarias e secundarias, sem extensão aos cursos superiores.

Deve-se olhar, em primeiro logar, ás difficuldades e empecilhos, que perseguem as crianças dos lyceus, — as quaes ficam impossibilitadas de acompanharem seus paes de um paiz para outro, para não perderem varios annos dos seus cursos secundarios.

Mais tarde, os dois paizes procederão de commum accôrdo, conforme os resultados obtidos com a equiparação dos exames

primarios e secundarios. Se os resultados fôrem satisfatorios, uma nova latitude será dada á equiparação, com novos privilegios a determinadas escholas superiores.

Isso será objecto de um novo estudo, com facilidades mutuas aos alumnos dos cursos superiores com um certo numero de cadeiras de frequencia, como limite; e se possivel fôr, a equiparação de algumas carreiras, taes como Direito, Agronomia e Veterinaria.

Não vamos até ao exaggero de pedir a equiparação dos cursos medicos ou de engenharia, porque a isso se oppõe o proprio interesse de qualquer dos paizes, na defesa dos seus diplomados.

Por certo que isso seria um absurdo, como é uma injustiça e uma prova de incuria o facto actual, que acima apontamos para os estudos primarios e secundarios.

E' bom não querer tudo, mas tambem é util lembrar o pouco, que representa apenas justiça e commodidade para os estudantes de Brazil e Portugal.

1915-Lisboa.

MOREIRA TELLES.

## Romance d'um escultor

(EXCERPTO)

---

Uma semana depois, tendo arranjado á pressa as suas coisas, Martim Gralheira embarcava em Napoles com destino a Lisboa, e chegado ao Tejo, tomava nessa mesma noite o «correio» para o Norte, ganhando na tarde do dia immediato o seu Minho natal.

Era em Agosto. O calor apertava. Por toda a parte, nas arvores e nas ramadas, nas varandas e nos beirões, a vinha exuberante cascadeava dionisiacamente.

Martim vinha pezaroso de não ter podido assistir á morte, felizmente suave, do seu bom «velho», tão amigo de lavrar as suas leiras e de cuidar o seu pão e o seu vinho, que morrera, de enxada em punho, quando acabava de ageitar um rego para a agua da nora correr melhor. Do tejadilho da diligencia, onde na estação do caminho de ferro se installara, era, porém, por vezes tão bello o panoramma, e noutras tão carinhosa a paizagem, que, na sua alma, a expectativa dolorosa de ir encontrar o luto parecia dissipar-se, volver-se tonificadamente numa despreocupada disposição de tarde de romaria.

Deslumbrado ao observar o triumpho dos cachos opiparos e cambiantes em maturação, o pensamento do escultor, esquecendo por instantes a sua magua, recordava, flagrante, aquele fauno em marmore vermelho do Vaticano, com o qual — segundo êle gostava de dizer, ao gozar a volupia com que retardava os bagos entre os dentes — a sua inglezinha aprendera a comer uvas.

O cemiterio ficava um pouco afastado da vila, para os lados da estação que a servia, no sopé de um ladeirão que, ao longe,

os cavalos começavam, nesse momento, de enxergar assustados, como que doridos já do chicote a mordê-los mais forte.

Transposto o penultimo marco quilométrico, o cocheiro meteu a galope, para aproveitar o impulso na subida, e em breve a oscilante carripana passava em frente do campo santo.

Ao avista-lo havia pouco, Martim Gralheira sentira fundo o seu desgosto, mas agora, olhando por cima do muro baixo e atravez as grades ferrujosas do portão a paz inefavel que lá dentro reinava, agradavelmente surpreendido mesmo com a teimosia de varios pés de vide que até no terreno da morte vinham sugar a alegria rútila da futura espuma, afigurou-se-lhe, consoladoramente, que o pai se devia encontrar bem ali, quem sabe se entretido a libertar as raizes mais tenras das videiras de algum estorvo molesto.

Deante do escritorio da diligencia, uma loja desarrumada e cheia de moscas, onde de tudo se vendia, aguardava-o o Zé da Balbina, um velho lavrador amigo de sua familia, a quem Martim, reconhecendo-o á primeira vista, logo se dirigiu:

— Muito boas tardes, snr. José!

— Ora viva o nosso viajante! Ainda bem que chegou, para ver se consola a sua irmã.

— Ela como está? — inquiriu Martim, enternecido.

— Tristinha, muito tristinha, suspirando pelo pai e pelo irmão. Vai naquela casa um chôro, desfeito, ha um rôr de dias!

— Coitada! Calculo . . . Sem ninguem de familia para a acompanhar.

— Familia, familia, é certo que a não tem, a não ser o snr. Martim; mas tem a velha Brigida, que é como se o fosse, e este seu creado, que a trouxe muita vez ao colo, e á minha gente, que a não tem deixado.

— Muito obrigado, snr. José!

— Não digo estas coisas para me agradecer. Deixe-se de cerimónias, que só são boas lá para a cidade. Ha quinze dias que sua irmã não fala senão em si. Em o vendo, fica outra, vai ver!

A casa de Martim, modesta e caiada, ficava num dos extremos da pequena vila. Na anciedade que o dominava, o escultor encaminhou-se logo para lá em companhia do expansivo Zé da Balbina, que á porta cortezmente se despedia, não querendo incomodar e oferecendo mais uma vez os seus préstimos.

Havia sete anos que Martim Gralheira não visitava a sua terra, e ao fitar novamente a casa onde nascera, com as janelas ainda fechadas pelo luto, como para guardarem até á sua chegada a lembrança inteira do recente falecimento, o coração sobressaltou-se-lhe no peito.

Chorosa, a velha Brigida acudiu a abrir, agarrando-se-lhe ao pescoço em lamentações :

— Ai! o nosso rico menino, que julgava que o não tornava a ver! Não temos agora mais ninguém neste mundo!

— Vamos, Brigida, não incomode o mano, que deve vir cansado! — atalhou Violante, descendo rapida a escada, para abraçar o irmão, com os negros olhos amoraveis cavados das lagrimas.

— Então como estás, Violante? — interrogou Martim, cingindo-a affectuosamente e beijando-a na frente.

— Estou bem. E o mano fez boa viagem?

— Muito boa: só com muitas saudades tuas. Vinha inquieto.

— Pois eu já cuidava que nunca mais vinha!

— Que ideia! . . .

— Lá de tão longe . . .

— Vim o mais depressa que pude, mas como tu sabes, não ha vapor todos os dias, e pelo caminho de ferro era muito caro.

— Como cá o temos, é o que se quer! — replicou Violante, indicando ao de leve um ar de sorriso.

— Que o meu menino vai agora ser o nosso amparo! — acrescentou Brigida, enxugando os olhos fatigados.

A mãe de Martim e Violante morrera ha muito, de um mau successo. Desde muito nova, Violante tivera de se afazer ás vigilantes funções do governo da casa, nessa missão ardua e tocante das filhas unicas, orfãs de mãe, chamadas cêdo a desempenhar junto dos pais, para os efeitos do arranjo domestico, o papel de filhas doces e esposazinhas dedicadas — um dos mais belos que a uma mulher podem caber em sorte.

Ao lado do pai, Violante, mal que donzella se fizera, tomando o molho de chaves do bolso do avental da velha Brigida, havia sido, com submissão e com responsabilidade, uma filha querida e uma dona de casa escrupulosa. Quando o bom velho succumbiu, fôra por isso dobrada a sua magua, ao encontrar-se, inesperadamente, privada para sempre dêsse pai que tanto respeitava e como que viuva dêsse idoso esposo, senhor absoluto do seu carinho virginal.

Com a chegada do irmão, entrou, porém, de recuperar o ânimo, quasi já contente por ter á sua beira um novo ente a quem servisse e extremecesse.

— O mano está tal qual o paisinho! Muito se parece com ele, em mais novo, já se vê. Então, agora, de barba... — dizia ela ás vezes para Martim.

— Achas? — respondia-lhe ele com ternura. — Pois suppõe que sou o pae, com mais annos, felizmente, deante de si para gosar a tua companhia.

E era verdade. Na pessoa de Martim, pareceu logo nos primeiros relances, a Violante, que o pai ressuscitára mais novo e mais direito, pelo que immediatamente começára de misturar ao affecto fraternal, que lhe votava, a obediencia pressurosa e o carinhoso desvelo de que o morto disfrutára á larga.

Ao descarregar do golpe cruel, sentira-se desnorteada, como alguém que, havendo entregado a outrem toda a sua amisade e toda a sua aspiração, as viesse a receber um dia devolvidas, inúteis, para lhe pezarem sem prestimo nas mãos privadas de ídolo. A vinda do irmão trouxera-lhe um novo ídolo para a sua adoração. Depondo-lhe aos pés as oferendas do seu culto exemplar, Violante novamente se via com as mãos livres e felizes para a sua interrompida, affectuosa tarefa.

Quanto a Martim Gralheira, revestiram, para êle, uma indizível suavidade essas primeiras semanas passadas em companhia da irmã, que, pontual, meiga, solícita, nada descurava ou esquecia para lhe crear em torno o suprasumo do confôrto compatível com as suas posses: silenciosa, apagada, quando o irmão se recolhia; atenta e cativada, quando ele se mostrava disposto a conversar.

Ausente anos seguidos em terra alheia, forçado á inospitalidade das moradias de aluguer, e ao trato interesseiro dos estranhos, Martim Gralheira saboreava intensamente, com o refrigerio de se encontrar em casa sua, a amenidade deliciosa da sua terra, ao calor da qual o seu corpo — terra dessa terra — e o seu espirito experimentavam a sensação do maximo bem estar.

Lembrando, de vez em quando, a paixão desinteressada e vibrante da inglesinha de Roma, Martim, na companhia da irmã, melhor avaliava a tranquillidade sem par que o invadira, numa aquietação repousante de toda a ancia ou desejo.

E recordando-se dos seus primeiros tempos com Miss Cicely,

que tanto respeito lhe inspirara durante a execução da sua estatua, revendo a nubil graça apetecente da loira jogadora de *tennis*, e confrontando-a com a candura casta de Violante, chegava a admirar-se da espantosa riqueza dos sentimentos humanos, e de como podia mediar uma tamanha distancia, um tão intransponivel infinito, entre uma pureza e outra pureza, entre uma virgem e outra virgem.

Que complicadissimo ser é o homem! — pensava Martim Gralheira, quando confrontava os dois tão diferentes estados emotivos em que o haviam mergulhado, primeiro o seu puro modelo, e agora a figura purissima da irmã, carne da sua carne. Quantas cordas vibram em nós! E como é imaterial, sagrado, quasi angélico esse grau de estima que une irmã a irmão! O amor! A amizade! Que dois formidaveis inimigos! Dois polos invisíveis! O amor mais elevado é, como todo o amor, irmão do vinho obsecante, que se não pode saber que loucuras ou ruindades inspirará. Por mais opalino e transparente, jámais o vinho reflectiu ninguem. Amigo da treva, que o perserva e opulenta, ainda pessoa alguma se lembrou de se ir mirar num tonel, como nunca nenhum amante, por mais querido, conseguiu vêr-se retratado, sem ciume, sem a duvida, sem deformação, no olhar da mais tímida amada; ao passo que jámais algum filho ou algum irmão deixou de avistar a sua imagem, corrigida em todas as suas maculas, amortecida em todos os seus defeitos, tal qual devera ser, nos olhos santificadores das mães ou nos absolventes olhos das irmãs, dignos de tal nome. Perante o amor, ha sempre, como perante o vinho, essas inquietações do lavrador, continuamente receioso de que ele se lhe tolde, azede, ou venha a faltar; enquanto que a amizade, linfa clara, amiga da claridade, é como a mais pura das nascentes: branca, limpida, cristalina, onde logo se vê reflectido quem a demanda; agua sem segredo oculto, nem perfida traição latente, á beira da qual se vive, como á beira de uma fonte corrente, sem a apreensão de que poderá vir a secar.

E Martim Gralheira bemdizia a amizade da irmã, pronta e constante como a agua leve da mina que havia na quinta, sem, comtudo, maldizer do embriagante amor, igual ao vinho, de cuja animada colheita ele era agora testemunha. Andavam os campos e as camponizas na vindima, e ao vê-los escalar as arvores e as latadas, o escultor reconhecia ainda que, como o vinho

quando o ha, tambem o amor se colhe uma vez por ano nos bons verões, ao passo que, quando ela nos visita, a amizade não conhece as estações.

Chegando o outono com seus passos doirados, o cenario provinciano entrou de tornar-se, dia a dia, menos interessante. Educado na cidade, Martim principiou a ter saudades de Lisboa, e, sobretudo, saudades de Roma, onde por essa epoca, se vêem, ao lusco-fusco ou pela noite adiante, atravessar as ruas desanimadas os grandes carros apinhados da gente que regressa dos arrabaldes cantando, rindo e empunhando os archotes pagãos da *Ottobrata*.

Um dia disse para a irmã :

— Como has-de ter visto, Violante, tenho-me sentido muito bem por cá, na nossa casinha, com a tua dôce companhia e com a da Brigida, que é uma santa velhota.

— Muito agradecida, mano !

— Deixa-te de agradecimentos. Como comprehendes, não posso, porém, passar a viver sempre aqui na provincia. Preciso de continuar os meus trabalhos, e é chegado o momento de resolvermos sobre o que havemos de fazer.

— O mano é que manda — respondeu Violante, docil e confiada.

— Bem sei que te deixas guiar por mim, mas quero que dêes tambem o teu parecer.

— Ao pé do mano, estarei bem em qualquer sitio. O que não queria era ficar aqui sósinha.

— Pois claro que não ficas. Agora nunca mais nos separaremos, a não ser quando tu casares.

— Casar eu, mano ? Tenho muito tempo — replicou ela, baixando os olhos, e pondo-se a brincar com o molho de chaves, pendente da cinta.

— Estás então disposta a ir comigo para Lisboa ?

— Pois sim, mano ! E a Brigida ?

— A Brigida vai tambem.

— A Brigida na cidade, ha-de ter graça ! — comentou, rindo.

— Então ! Não viajou em nova, viaja depois de velha.

— E a casa ?

— Qual casa ?

— O mano tem casa lá em Lisboa ?

— Não tenho, mas aluga-se.

- E quando chegarmos?
- Quando chegarmos, vamos para um hotel, até achar um buraco que nos sirva.
- E que fazemos a esta?
- Querias também levá-la, não é verdade? Tens razão, nunca conheceste outra.
- Quero-lhe tanto!
- Como isso é impossível, trataremos de escolher alguns trastes que no-la recordem.
- Só trastes, mano?
- Trastes, louças, bugigangas... O que tu quizeres.
- Como o mano determinar.
- Uma coisa, Violante! Já tenho estado para te dizer umas poucas de vezes.
- Que é, mano?
- Porque me não tratas por tu? Tens só menos seis annos do que eu, estás uma senhora, e dás-me um tratamento de tio velho.
- Eu tratar o mano por tu?!
- Naturalmente, entre irmãos...
- Não me ageito.
- Experimenta!
- Não me ageito, mano?
- Experimenta sempre!
- Sei que não me hei-de ageitar, mano! E depois, quer que lhe diga? Gosto mais assim.
- Gostas mais de me não tratar por tu. Porquê?
- E' cá um segredo.
- Não mo queres dizer?
- Se o mano ordenar...
- Não ordeno; mas anda, dize lá, porque é?
- E' porque era assim que eu tratava o paizinho.
- Sim?
- Era, era.
- Pois então podes continuar.
- Mal imagina o mano o prazer que me dá com isso.
- E's encantadora. E não ha duvida de que arranjei uma filha quasi da minha idade.
- E diga, mano, a gente vende esta casa?
- Vender, vender, não sei por enquanto. Teremos, pelo menos, de a arrendar. Bem sabes que o dinheiro não é muito.

— O mano lá decide como entender.

— E a ti que te parece? Achas melhor arrendar ou vender?

— Eu antes a queria arrendada. Vêm estranhos cá para dentro, é verdade; mas as paredes sempre ficam sendo nossas.

— Pois trataremos de a arrendar, até vêr.

— O mano é um santinho.

— E tu, a minha devota mais linda.

Logo no dia seguinte, ajudada por Brigida, inconsolavel ao ter de mudar de terra com os seus meninos, principiou Violante a arrumar as roupas, a despejar gavetas, a remexer os moveis.

Atulhadas varias arcas, chegou a vez de escolher a mobilia e os objectos que haviam de ir para Lisboa. Por vontade de ambas, ia tudo. Reconhecendo, porém, não ser isso possivel, volta e meia o bom senso de Violante recorria ao irmão, para a aconselhar.

— Oh! mano, pode ir o armario da sala de jantar?

— Pois sim.

— E o sofá do corredor?

— Para quê? Está tão velho! Deixa-o ficar.

— Está dito, mano! Muito agradecida, e desculpe o incomodo.

Vieram dois carpinteiros acondicionar os trastes para a viagem, e já estava quasi tudo pronto, quando, uma manhã, Violante, muito envergonhada, foi ter com o irmão á quinta, onde êle passeava, dizendo-lhe:

— Oh! mano, eu queria pedir-lhe licença para levar uma coisa que tenho, ali em baixo, nas lojas.

— Pois diz ao mestre Filipe que a arranje!

— E' que é uma coisa muito grande. Peza muito.

— Que vem a ser?

— Tenho vergonha de lho dizer, mano.

— Querem vêr que é algum carro de bois, para tu e a Brigida passearem em Lisboa?

— Que ideia, mano!

— Uma coisa muito grande e muito pezada, escondida nas lojas, que poderá ser? As tuas economias e as da Brigida!

— Era bom!...

— Algum tesouro que vocês, as duas, descobriram?

— O mano está a brincar.

— Então que é, dize lá!

— Isso é que eu não digo! Não me atrevo. O mano, se quiser, venha comigo, que já fica sabendo.

— E é que vou. Abrieste-me a curiosidade. Sempre quero vêr esse colosso.

— O peor é se o mano se arrenega comigo.

— Não me parece. Seria a primeira vez.

— Então faça favor de me acompanhar, que eu vou, num instantinho, buscar as chaves á cosinha.

— Espero-te aqui.

— Não merece a pena. O mano pode ir andando para a porta das lojas, que eu desço por dentro, e abro-a.

— Bem, vamos lá! E's os meus peccados.

Ao chegarem perto do galinheiro, encostado ás trazeiras da casa, Violante deitou a correr pela escada acima, e, desaparecendo rapida, em breve desandava do lado de dentro, a chave da porta que, por esse lado, dava serventia ao andar terreo.

— Vê, o mano? Foi um rufo.

— Não ha duvida.

— Agora por aqui, mano! Tenha paciencia.

Metendo a um corredor escuro, Violante seguiu, na frente do irmão, até ao outro extremo, onde havia um compartimento iluminado por uma janela gradeada que deitava para a rua.

— Tenha cuidado, mano, em não esbarrar nesse cesto, que está ahí uma galinha no chôco.

— Alguma protegida da Brigida?

— Nem mais, nem menos, é a sua favorita. Agora, mano, prepare-se para a surpresa!

Entravam, então, ambos noutra divisão mais ampla, com duas janelas, tambem de grades, rés-vés da calçada. No centro, estava a peça em que Violante fizera tanto segredo.

— Sabe o que é isto, mano?

— E' um tear.

— Tal e qual.

— E a quem pertence?

— A quem pertence? E' muito meu. Comprou-mo o pai-zinho.

— Teu!

— Eu não dizia que o mano se ia arrenegar comigo?

— Qual arrenegar!... Mas vamos lá a saber: para que te servirá este tear em Lisboa?

— Ora essa, mano! Para o mesmo que me tem servido sempre.

— Para brincares?

— Para tecer.

— O quê? Tu sabes tecer?

— Não teço lá muito bem, mas arremedeio.

— E' delicioso... E que teces tu?

— Então o mano não vê que é um tear de linho?

— Teces o linho?

— O mano não me ralha, não?

— Ralhar-te? Mas pelo contrario... Acho encantador ter uma irmã tecedeira.

— O mano fala sério?

— Claro que falo sério. Foi uma surpresa agradabilissima. Ora tece lá um bocadinho, só para eu vêr!

— Agora é impossivel, mano. Eu e a Brigida arrecadámos o resto do linho que havia. E' para eu me entreter na cidade. Deixa-me levar o tear, deixa sim, mano?

— Pois não havia de deixar? Não calculas, Violante, o prazer que me déste. Em Lisboa, havemos de arranjar um quarto para o instalar, e has-de tecer muitas vezes á minha vista. Quero que me mostres a linda série de atitudes que esse velho trabalho deve comportar. Hei-de desenhar-te tecendo. Hei-de talvez fazer, contigo e o teu tear arcaico, uma estatua ou um relevo.

— E eu que estava com mêdo que o mano se aborrecesse...

— Aborrecer-me, porquê?! Dá cá um beijo — disse Martim, osculando afavelmente a fronte satisfeitissima de Violante. — E agora, acreditas que não estou zangado?

— Agora sim.

— São coisas dificeis de te explicar, mas sabes lá que alegria me causou este teu tear escondido! Que eras uma ótima dona de casa, já eu sabia por experiencia; mas que gostasses tambem de urdir, com as tuas mãozitas meudas, o branco linho dos campos, eis aí o que eu estava longe de suspeitar, e me encheu de júbilo.

— Não ha outro mano como o mano!

Entusiasmado com a revelação da nova prenda de Violante, foi Martim, em pessoa, quem encarregou mestre Filipe de des-

armar e dispôr o tear para seguir com os outros volumes que, daí a três dias, dois carros de bois, bem carregados, transportavam da vila até á estação do caminho de ferro.

Ultimados os preparativos, fretou uma vitoria para a manhã seguinte, marcando ao cocheiro as dez e meia. Mal passava das sete, quando, dirigindo-se para o seu passeio de despedida ao pomar desfolhado, viu sentada á porta da cosinha, já toda arranjada, de chaile, lenço, grilhão de oiro e sombrinha preta, a boa da Brigida, pronta para o ultimo signal, e com um grande cesto de baixo do braço, recoberto por uma toalha branca.

— Então V. já assim está?

— A quem madruga, Deus ajuda!

— Pois olhe que ainda temos muito tempo.

— Deixá-lo, meu menino! Antes eu me farte de esperar, do que me arrisque a perder o «camboio», que dizem que não espera por ninguem.

— Não tenha sustos, que eu ca estou para tomar sentido. E que leva V. aí n'esse cesto, Brigida?

— Meu menino? — retorquiou ella, fazendo-se desentendida.

— Que leva ahí no cesto, não ouviu?

— Ah!... Isto é uma curiosidade minha.

— Deixe lá vêr!

— E' a pedrez, meu rico menino!

— E' o quê?

— A pedrezinha e mais a ninhada de antes de hontem.

— Ora valha-a Deus! Pois V. quer levar um cesto com criação no compartimento? Não faltava mais nada. Arrume isso, vá!

— Então a pobre da pita ha-de ficar para ahí ao desamparo?!

— Esteja descançada que o snr. José, que nos faz o favor de tomar conta da casa, não a deixará morrer de fome...

— Sei lá, meu menino, nunca fiando... Com a gente, sempre ia melhor.

— Poucas tolices, Brigida! Leve a galinha e os pintos lá para baixo.

— Ai! a minha rica franga! — suspirou a velhota, levantando se, algum tanto contrariada, para cumprir as ordens do amo.

Este, durante o curto dialogo, estivera olhando a um lado e outro, e descobrindo em cima do armario, uma linda peça de antiga faiança portugueza, disse para Brigida:

— Olhe lá, Brigida!

- Meu menino?
- Para que fica aquilo ali?
- Aquilo quê, meu menino? O armario?
- Aquela terrina.
- Aquilo é um mono onde eu batia os ovos da consoada.
- Pois aquele mono é que V. tem de levar.
- O meu menino lá sabe, mas olhe que é um caco todo mor-  
dicado.

— Deixá-lo, deu-me no gôto. Fica V. encarregada de mo apresentar em Lisboa.

— Lá por isso, não ha-de haver novidade. Vou já arranjá-lo.

A' hora conveniente, vinha o carro buscá-los, e partiam Violante, Martim Gralheira e a velha Brigida entre as lagrimas e os adeuses das duas e de toda a familia do Zé da Balbina, cuja filha mais nova, por trazer de olho um derriço, se não cansava de recomendar á irmã do escultor:

- Não te esqueças de comprar o que te pedi!
- Não me esqueço, deixa estar! E é verdade, queres pretas ou de côr?
- Como fôr mais moda.
- Bem. Até um dia!
- Boa viagem!
- Muita saude!
- Escrevam sempre!
- Adeus! Adeus!
- Boa jornada!

Horas depois, instalados numa 2.<sup>a</sup> classe, alcançavam Campanhã, onde, depois de jantados, se transferiam para o «correio» de Lisboa.

Pelo caminho, Brigida, apesar de meia enjoada e tonta da velocidade, não se esquecia de, por uma abertura do lenço em que a envolvera, espreitar para dentro da terrina, que não largava da mão.

— Que levará a Brigida naquele lenço, que tanto cuidado lhe dá? — não pode Martim deixar de perguntar á irmã.

- E' a terrina que o mano lhe mandou trazer.
- Está a verificar se vem inteira!
- Nada, mano! E' que meteu dentro dela uma lembrança do que o mano lhe mandou deixar.
- O quê? Sempre veiu a galinha?

- Não cabia, senão não sei...
- Então?
- E' um dos pintainhos da pedrez.
- Feliz bicho! Para tudo se quer sorte neste mundo...—  
comentou Martim, achando graça á teimosia carinhosa da velha  
serva.

.....

MANOEL DE SOUSA PINTO.

# Revista do Mez

---

## O NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA PORTUGUEZA

A eleição de Bernardino Machado merece o applauso unanime de todos os portuguezes. S. Ex.<sup>a</sup> representa bem a fôrça e coragem moral da alma portugueza que na ultima phase de decadencia do constitucionalismo, phase nublada de scepticismo politico, soube reagir, creando e desenvolvendo a vencedora corrente de opinião republicana que irradiou, por toda a parte, fé e esperança na salvação nacional.

Sahindo incólume, pelo character, da gravosa administração da monarchia, do respectivo treno politico aproveitou, no emtanto, não só a tempera de excepcionalissimas qualidades de combatente, mas ainda a fértil e subtil experiencia que tem dos homens e dos negocios publicos. Foi ministro das obras publicas, com Hintze Ribeiro. Ministro dos estrangeiros, do governo provisorio. Ministro da justiça, em substituição de Affonso Costa. Ministro do interior e presidente do conselho, ainda não ha um anno. E pouco antes fôra embaixador no Brazil, onde marcou o primeiro logar entre os nossos diplomatas. Por todos estes titulos pertencia-lhe, logicamente, a chefia do Estado. Todavia, não só pelo que foi e pelo que vale, como estadista, devia ser eleito. Era urgente e necessario investir em tão alto cargo alguém que soubesse manter — soberano, pelo génio da bondade — sempre o mesmo prestigio, equilibrado e firme. Era inadiavelmente preciso, na presidencia da Republica, quem pela cordealidade, sim, por uma dominadora sympathia, quási biblica, de tratar os homens e as coisas, se antepuzesse a tudo e a todos, com o respeito de todos e em tudo.

A verdade e justeza de tal affirmação avalia-se pelo character do povo portuguez, se neste virmos, figuradamente, o lavrador, o marinheiro e o soldado. Lavrador, trabalha a todas as horas do sol e atravez de todas as intempéries, cavando o pão e a vinha. Soldado e marinheiro, segura, com heroica sobranceira, nas suas mãos calosas, a bandeira da patria. Lavrador, lucha na paz para ganhar o sustento diario, sem queixumes de miseria. Soldado, lucha na guerra para ganhar a paz da sua consciencia tranquilla e simples.

Só faz pena que este povo, tão dócil e tão útil no labor da vida, não queira ser mais nada, depois de ter sido tanto na historia do mundo, quando não se arreceou de andar pelos mares, em busca de novos continentes, e soube alcança-los para a gente d'hoje civilisada! Porquê? Porque tem ligada á sua incultura a consequente bôa fé dos ingénuos: crê igualmente nos milagres do menino virtuoso e nos ruidosos successos da administração pública.

Em materia politica, com effeito, quer acreditar sobretudo na honestidade dos homens públicos que governam; quer confiar nas boas intenções d'esses homens, e com tão grande e cega confiança que raras vezes cura de saber da sua maior ou menor capacidade administrativa.

Assim acreditou nas revoluções liberaes da primeira metade do século XIX; e foi tambem assim que cegou de entusiastica fé no exito revolucionario de 5 de outubro.

Em verdade, a Republica, naquella data, constituiu a victoria moral de uma corrente de opinião tão forte que tinha voz e ecco nas consciencias dos mais palatinos monarchicos de então. Porque a Republica era o resultado de um movimento popular, espontaneo, nacional, que á nação offerencia a probabilidade e a esperança de se renovarem os processos e costumes politicos. Em vez da politica de favores, mesquinha e pessoal, passaria a fazer-se a politica de serviços, de interesse collectivo e da nação. Foi este o verdadeiro significado da bandeira verde e vermelha que tantissima gente do povo, a misera gente de mão callosa, pelas ruas freneticamente agitava no ar, como sendo o signal dos novos tempos que iam correr, e o simbolo do amor patrio ao serviço da causa pública.

Pois bem. Essa bandeira, esse signal, esse simbolo ergue-se e flamúla hoje sôbre o paço de Belem onde se encontra o primeiro cidadão de Portugal: a mais alta, a mais digna, a mais legitima representação do povo portuguez.

*Outubro, 1915.*

JOÃO DE DEUS RAMOS.

### O SENADOR AZEREDO

Não é nosso intuito, n'uma publicação que acima de tudo se deverá occupar dos problemas geraes que interessam ao Brazil e a Portugal, fazer a apologia das varias personalidades politicas e dominantes de qualquer das duas nações. Mas todos aqueles homens publicos — e infelizmente nem tantos são! — que mesmo no meio da mais agitada vida social nunca se esquecem da Arte e da Literatura, e antes lhes prestam o culto justo e merecido, merecem por sua vez especial registo. E nenhum dos factos que lhes digam respeito nos podem ser indifferentes.

Azeredo é um desses homens. Personalidade de destaque na sociedade brasileira, conhecidissimo em toda a Europa, interessou-se sempre pelo movimento literario e artistico dos dois Paizes fraternos. Pela sua cultura, pela sua elegancia de maneiras, pela graça d'uma intelligencia que sabe ser sempre comprehensiva e amavel, pelo carinho da sua afabilidade, pela ponderação do seu character, nobremente conciliador — seduz todos aqueles que o conhe-

cem, encanta todos aquelles a quem dá o prazer espiritual da sua convivencia. É também um sincero, um dedicadissimo amigo de Portugal e dos Portuguezes. E a *Atlantida* vê n'ele um dos mais prestigiosos defensores da indispensavel aproximação, estreita e intima, entre Brasileiros e Portuguezes, aproximação que é o lema e, por assim dizer, o fim supremo d'esta revista.

Por isso o saudamos com efusiva simpatia pela sua eleição ao alto cargo de Vice-Presidente do Senado Brasileiro e a chefe do Partido Republicano Conservador. E estamos certos de que ele manterá, n'esta nova phase da sua vida publica, o mesmo culto de sempre pela intelligencia, pelas letras e pelas artes nas duas Republicas fraternas — ás quaes sempre deu toda a sua dedicação, toda a sua perserverança e todo o seu amor de patriota esclarecido.

J. B.

### NAVEGAÇÃO ENTRE PORTUGAL E BRAZIL

Quando em 1913 regressei da minha viagem ao Brazil, tive ocasião de me referir no meu relatorio a este importantissimo problema; e a convicção em que estava n'esse momento mais se tem arreigado em meu espirito.

Dizia eu então que uma linha nacional de navegação valia um tratado de commercio.

Assim é, efectivamente. Aquellas vantagens que pelos tratados de commercio se procuram obter temo-las nós já no magnifico acolhimento que todos os productos portuguezes encontram no Brazil. O que se torna indispensavel, porém, é procurar a forma de ali os conduzir, senão com vantagem, pelo menos em egualdade de circunstancias com os productos que d'outros mercados europeus ao Brazil são enviados.

Muitos e variados projectos teem sido feitos para solucionar este importantissimo problema; e comtudo elle continua insolúvel, e assim continuará, enquanto os governos das duas Republicas não encararem com a devida atenção as vantagens que lhes podem advir da sua solução.

Portugal necessita, para poder manter a sua situação nos mercados da grande republica sul-americana, de estabelecer uma linha nacional de navegação. Só assim um certo numero de mercadorias que hoje se não exportam por os fretes serem excessivos ali poderão ser conduzidas.

Mas a Portugal ainda essa necessidade se impõe por uma razão talvez mais forte. E' aquella de não deixar esquecer todos os que, longe da patria, foram tentar fortuna, buscar riqueza, sob as côres duma bandeira extranha.

Tem sido por tal forma intensa a corrente emigratoria para o Brazil que nós temos obrigação de, por toda a forma, evitarmos que esses milhares de portuguezes percam a sua nacionalidade. E nada como o pavilhão da patria distante, fluctuando á poupa d'um navio, pode fazer vibrar a alma n'um sentimento de saudade e n'um desejo de regresso.

Mas o Brazil também tem vantagens e não pequenas no estabelecimento d'esta linha. Elle encontra em Lisboa porto franco para as suas mercadorias; e as condições climatericas, a facilidade do trasbordo para os portos do Mediterraneo e Levante e sobretudo o desejo que em Portugal existe de em tudo e por tudo se desejar ser agradavel á Republica irmã, são circunstancias a ponderar.

Sem uma linha portugueza ou Luso-Brazileira nunca o porto franco realisará para os dois paizes o fim eminentemente economico que a sua criação tem em vista.

Facilmente se comprehende que as linhas de navegação existentes procurarão sempre chamar aos seus portos aquellas mercadorias que devem constituir o alimento e razão de ser do nosso porto franco de Lisboa.

E afinal pode-se considerar para as duas Republicas um grande sacrificio o subsidiarem uma linha de navegação que mais estreite esta amisade fraterna n'uma intensa comunhão de interesses?

Evidentemente não ; porque os beneficios a colher seriam por tal forma compensadores que sacrificio se não deve chamar ao que não passa d'uma brilhante e indispensavel obra de fomento.

Cá como lá, os governos reconhecem a necessidade de dotar o paiz com o maior numero de estradas. Pois bem, uma linha de navegação seria a continuação d'essas estradas, seria a grande arteria a ligar duas nacionalidades que se amam e que pelos seus comuns interesses se devem aproximar o mais possivel.

MARIO CARVALHO.

Director da Associação Comercial.

### OS THEATROS

Com os primeiros frios e as primeiras chuvadas do outono estão mortas as villegiaturas deste anno e os veraneantes, regressando ao concheço do lar e ás delicias da civilização citadina, dispõem-se a incluir no emprego dos seus ocios nocturnos a frequencia das casas de espectaculos. Lentamente, sem que anunciem novidades de estrondo, ellas reabrem, e de certas pode dizer-se que mal chegaram a encerrar as suas portas, porque nem todos os comicos fazem *tournées* pelas provincias, nem toda Lisboa veraneia, havendo até quem no theatro busque para a canicula um refrigerio . . . Não desarmam, porém, os concorrentes formidaveis das scenas onde se declama e cantarola e as emprezas ou os actores de comedia, de drama e de opereta procuram em geral resistir-lhes explorando o filão inexgotavel da revista.

Reabrem lentamente e como que á capucha os theatros; no entretanto o Coliseu dos Recreios, um dos mais vastos e bellos circos da Europa, enche-se todas as noites. O seu prestigioso emprezario desfructa, sem favor, dum credito que pode classificar-se de mundial. Antonio Santos, com effeito, não se dispensa de trazer a Lisboa as grandes notabilidades desse genero em cuja habil e segura exploração fez o seu nome e que alterna com a opera lyrica e a opera comica estrangeiras, por preços accessiveis a todas as bolsas. O Coliseu, com os leões de George Marck, encetou triumphalmente a nova época. Entre palhaços, jokeys, excentricos musicaes, amazonas, equilibristas, saltadores, cães amestrados e coreographias e descantes aragonezes, o mimo-drama de Marck, repartido pelo ecran e pelo palco, onde apparecem as mesmas figuras do film e um casal de leões salta e rugue, soberbo de corpulencia e ferocidade, constitue a admiração dos espectadores que não acabam de enthusiasmar-se com as proezas do domador e o sangue-frio da pequerrucha que o acompanha e a cujo olhar as feras amansam e se rojam como as da fabula escutando os accordes da lira mitologica de Orpheu . . . Os encantos do circo

seduzem os paladares afinados e Jules Lemaître, quando a critica theatral lhe concedia folgas, passava a noite nas Folies-Bergère e não se dedignava de registrar nas suas chronicas o prazer com que applaudira as piruetas do joven elefante Boney, enroupado de clown . . .

O outro concorrente do teatro, ainda mais para recear, é o cinema. Commodamente installado por duas placas de nikel, podendo sentar-se onde lhe convier e fumar a seu gosto, o frequentador do animatographo conversa, flôrta, namora, dormita, ouve musica, sorri com as fitas em que as scenas de farça excedem o que pode conceber-se de mais hilariante, de mais imprevisto, de mais grotesco, de mais inverosimil; commove-se com as tragedias de amor, em que interveem como auctores e interpretes os primeiros dramaturgos e as primeiras celebridades do palco; assiste a ressurreições historicas que deslumbram pela maravilha dos scenarios, pelo numero e variedade das figuras, pela indumentaria aparatosa e opulenta; acompanha num interesse crescente as complicadas peripecias dos dramas policiaes; contempla com pasmo e tristeza as ruinas da guerra; junta sem esforço novas noções ao seu peculio de conhecimentos e tudo isto com economia de tempo e dinheiro, não precisando simular que apprehende as subtilezas da lingua em que escreve o sr. Lavedan e recita a senhora Bartet e que o arroubam as cadencias musicas do idioma ineffavel que em Gabriele d'Annunzio tem hoje o seu joalheiro e pregoeiro mais celebre . . . A linguagem do cinema todos a entendem e não se corre o risco de nos encolerisarmos com a falta de memoria dos comediantes e a gritaria arreliadora do ponto !

\*

\*   \*   \*

Ao film antepuzeram, para attenuar a crise do teatro, as revistas do anno por sessões. Poderiamos chamar-lhes revistas do semestre e até da semana, tão frequentemente se succedem nos cartazes os anuncios dos novos quadros com que as actualisam, e convem reconhecer que um numeroso publico testemunha por semelhante genero predilecções cujos motivos, a serem estudados com imparcialidade e escrupulo, talvez não abonassem a delicadeza do seu gosto. Quaes são, em geral, os attractivos das nossas revistas do anno? De ordinario, não se recommendam pela leveza, pelo sal attico, pela finura com que os auctores devem commentar os episodios occorrentes e os costumes dominantes; não se impõem pelo primor litterario das coplas ou pela inspiração da musica, vivaz, expressiva, alegre, simples, facilmente assimilavel e que a rua trauteie ou assobie; não se notabilisam pela magnificencia das apotheoses, pela sumptuosidade e phantasia do guarda-roupa ou ainda pela belleza plastica, pela desenvoltura, pela graça das mulheres. Excepções? Ha-as, sem duvida, e cumpre não confundir todos os revisteiros, entre os quaes se contam poetas de merecimento e humoristas de fama. Eduardo Schwalbach, que o anno passado esmaltou o cartaz da Trindade com o seu nome illustre uma época inteira, subscrevendo a revista *Verdades e Mentiras*, e que este anno inaugura o mesmo teatro com outra revista, *O dia de juizo*; André Brun, que no Polytheama já festejou a centesima da sua revista *Não desfazendo*, são, evidentemente, dos que não supprem a deficiencia d'outros recursos cultivando a chalaça erotica, a phrase de duplo sentido

em homenagem á lubricidade das platéas, e, se o fizessem para ceder ao derancado paladar do espectador, com isso apenas deslustrariam a reputação que se crearam como comediographos. O dito obsceno, mais ou menos velado, e a caricatura e o comentario politicos, são em regra o segredo do exito das revistas. Os chefes dos partidos, individualidades que na Republica obtiveram algum relevo, funcionarios do Estado tornaram-se quasi indispensaveis como cabeças de turco e naturalmente é sob os seus fracos e ridiculos que nol-os apresentam, indo-se por vezes demasiado longe no avultar defeitos e no assignalar occorrencias. A policia fornece outro prato que nunca falta na ementa dos revisteiros, embora com varios môlhos. A frouxidão da fé republicana do guarda bronco, duma obtusidade granitica, o abuso da força quando lhe dão ensanchas para espadeirar o povo, o receio cobarde da réplica se acaso percebeu que pode surdir, os expedientes de velhacaria saloia, a inepecia exemplar no desempenho das funcções que lhe tocam, numa palavra todos os aspectos do dessoramento do corpo de segurança que, em cinco annos de novo regimen, ainda se encontra por transformar — são outros tantos themas para a troça contundente dos autores e para a sacudida gargalhada das platéas. Cinco revistas se exhibem neste momento em quatro theatros da capital: Porventura haverá alguma que não conte um policia ou um politico? Por ultimo, o Fado. A velha canção nacional, que tem detractores mas cujos apologistas formam enternecidas multidões, é uma das muletas a que se apoiam os revisteiros para que a nota do sentimento não deixe de existir e de vibrar. Um recanto de praia, uma nesga de serra, um fiosinho de voz e a toada languida transmuta em mystico recolhimento de cathedral o que pouco antes era quasi tumultuoso jubilo . . .

\*

\*   \*   \*

E os theatros de declamação? O Nacional, que tem o nome de Garrett e a gloria de haver sido fundado por elle, comquanto — vergonha é dizelo! — nenhuma das suas obras-primas — *Frei Luiz, o Alfaceme, Um auto de Gil Vicente* — faça parte do repertorio, mantem-se fechado e algumas das suas primeiras figuras representam . . . revistas nos intervallos de maiores cometimentos. O Republica renasce, como a Fenix, das proprias cinzas, devendo a sua companhia iniciar a época no Porto. Deste modo, foi o Gymnasio o primeiro a inaugurar a temporada que se denomina de inverno. Tem agora como empregarios dois dos artistas que nos ultimos annos mais se evidenciaram no seu palco: Maria Mattos e Mendonça de Carvalho. Mulher e marido, ella actualmente a primeira característica portugueza a despeito da sua autentica mocidade, elle um actor generico, intelligente e consciencioso, procuram manter as risonhas tradições da casa e simultaneamente servir a arte com a devoção de quem exerce um apostolado. Assim, em torno de ambos, a par de comediantes da velha guarda, queridos das platéas de ha um quarto de seculo, como o rotundo Antonio Cardoso cuja presença ainda basta para que uma sala inteira se convulsione de riso, agrupam gente moça, quer diplomada pelo Conservatorio, quer consagrada nas *troupes* de amadores entre os quaes sempre se revelaram aptidões apreciaveis. Dos que cursaram a Escola da Arte de Representar, além de Maria Mattos, que foi discipula laureada,

distingue-se Silvestre Alegrim, um comico que tem as sympathias do publico, adquiridas com a sua graça ingenita e communicativa. Da mesma escola sahiram para começar a carreira dramatica no Gymnasio, sob a direcção competente e carinhosa da actriz-empresaria, duas alumnas que findaram o curso com premios : Luiza Lopes e Celeste Leitão. Para sua estreia escreveu expressamente Julio Dantas um acto de tragedia em que as admiraveis faculdades da primeira terão ensejo de se affirmar, caso não venham a ser illudidas as esperanças e não sáiam errados os prognosticos de quantos saudaram nessa rapariga de talento a mais radiante promessa que palcos portuguezes viram de ha muito. Julio Dantas, trazendo á luz da ribalta a figura amorosa de Marianna Alcoforado e confiando a sua interpretação a Luiza Lopes, rendeu um eloquente preito, que é uma consagração, ao merito da juvenil actriz. Arrancando, por outro lado, ao archivo peças como *Em boa hora o diga*, que tantos annos dobrados sobre a primeira exhibição demonstra ser de boa lei o humorismo de Gervasio Lobato, e que o não excederam os successores do grande comediographo, a empresa do Gymnasio remedeia a escassez de novos originaes e alimenta um culto que vemos esquecido noutros theatros onde mais fortes razões exigiam que elle nunca se obliterasse . . .

Recommenda-se ainda o Gymnasio por outros titulos á nossa estima e á nossa gratidão. Foram os seus artistas que nos deram a conhecer, correctamente desempenhada, *A bella madame Vargas*, de Paulo Barreto. Essa noite notavel e agradabilissima não se perdeu, decerto, para o estreitamento das relações litterarias luso-brasileiras.

AVELINO DE ALMEIDA.

### OLAVO BILAC EM S. PAULO

Olavo Bilac foi no mez de outubro a S. Paulo, onde o receberam brilhantemente. O artista maximo, que é ao mesmo tempo um dos educadores da mocidade brasileira, teve na cidade cultissima uma verdadeira apoteóse. Os estudantes não esqueceram, ao festejal-o, que êle foi, no Brazil, o primeiro iniciador e propugnador do culto da Bandeira. Em resposta ás homenagens que a mocidade lhe prestou, Olavo Bilac proferiu na Academia de Direito um discurso admiravel de beleza e de patriotismo, em que o Poeta reclamou, com palavras de lyrismo e de fé, o respeito pelas tradições do seu paiz, pelo seu civismo, pela sua alma e pela sua lingua — pela lingua que é, não o devemos esquecer em Portugal, a bem amada lingua portugueza.

### MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO

A morte d'esta mulher insigne, sobrevindo de surpresa para todos aquelles que admiravam e conheciam o seu incessante labor, constitue uma perda enorme para a arte portugueza. Em plena febre de trabalho, em plena contínua e entusiastica devoção pela beleza, *A Fada das Rendas*, como lhe chamou Manoel de Sousa Pinto, desaparece sem deixar quem a substitúa — e

continue o seu esforço brilhantissimo. Dos seus dedos maravilhosos — nunca saíu uma obra que não fosse perfeita. E que, sendo perfeita, não viesse tambem vincada do mais acentuado character nacional. A sua vida foi um exemplo nobilissimo — de probidade artistica e de persistencia creadora. No proximo numero da *Atlantida* prestaremos á sua encantadora memoria a homenagem que merece. Hoje — diremos só estas poucas palavras, simples, simples reconhecimento de quanto a perda da Mulher prestigiosa foi sensivel e amarga ao nosso coração e á nossa inteligencia.

### LIVROS

Recebemos e agradecemos *As primeiras tentativas da independencia do Brazil* do nosso illustre collaborador Dr. Veloso Rebello. No proximo numero falaremos detalhadamente d'essa obra interessantissima, assim como dos outros volumes que nos forem enviados.

### NOTA

Por imprevista demora nas remessas dos originaes brasileiros para esta secção, não podemos publicar n'este numero as notas do mez referentes ao Brazil. Serão publicadas no numero de Dezembro.

## Noticias & Comentarios

---

Os jornaes do Brazil trazem-nos a noticia de que na Escola de Bellas Artes será opportunamente inaugurada, com a presença do Sr. Ministro da Justiça, a sala Luiz de Rezende, constituida e ornamentada exclusivamente de quadros e moedas raras e preciosas, de varias nacionalidades, offertados por aquelle senhor.

Na galeria de telas figuram nomes artisticos de realçado merito: M. Cosson, medalha de 3.<sup>a</sup> classe; A. J. Chantran, Aman Jean, Richard Ranet, Rosa Bonheur, Henri Bouvet, Amedée Buffet, André Suredá, Palizzi e outros.

As telas que o Sr. Luiz de Rezende offertou á Escola de Bellas Artes valem approximadamente 200 contos de réis.

Dentre ellas surgem quatro impressões de Rosalvo Ribeiro, pintor alagoano. Rosalvo morreu ha pouco tempo, no Estado que lhe foi berço.

Em 1908, na Exposição da Praia Vermelha appareceram quadros seus muito apreciados, então.

Foi collega de João Baptista, no corpo discente da Escola de Bellas Artes em 1887.

Em 1888, o Estado mandou-o á Europa, em viagem de Estudos e Rosalvo passou na França 10 longos annos.

Os seus quadros devem estar, em grande escala, em Alagoas.

Completa a galeria, um primoroso retrato a oleo do generoso doador, a que o magnifico pincel de Aman Jean deu excellente corporificação.

\*  
\*  
\*

COELHO NETTO

O eminente escritor Coelho Netto, gloria das letras brazileiras, envia-nos para publicar na *Atlantida* a sua novella inédita *Elixir da Vida*. Damos esta noticia com verdadeiro desvanecimento.

\* \* \*

No 2.º numero da nossa revista publicaremos *colaboração literaria* de:

Anselmo de Andrade, Alberto de Oliveira, Helio Lobo, Antonio Arroyo, Vitor Vianna, Aureliano Leal, Teixeira de Queiroz, José de Figueiredo, José Antonio de Freitas, Arnaldo Fonseca, Oscar Lopes, Augusto de Castro, Herculano Nunes, Joaquim Manso;

e *colaboração artistica* de:

Antonio Carneiro, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro e Christiano de Carvalho.

Augusto Gil dar-nos-ha uma **Pagina do Natal**; Manoel de Sousa Pinto um estudo sobre **D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro**; e Julio Dantas uma **Chronica d'Arte**.

\* \* \*

E' nosso correspondente em Paris o Sr. José de Freitas Bragança.

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL

PROSPECTO

## «ATLANTIDA»

---

**H**A muito tempo que a publicação d'uma revista literaria, que defendesse e representasse as aspirações e os interesses comuns do Brazil e de Portugal, se impunha e se tornava indispensavel. Por varias vezes os directores da «*Atlantida*» procuraram realizar essa legitima ambição, — mas encontraram sempre tantas e tão grandes difficuldades da parte dos editores mais habilitados a faze-la vingar, que tiveram de desistir da sua ideia. No entanto, esta sempre lhes pareceu digna do aplauso e do apoio incondicional do publico.

Por isso mesmo, e sem deixar de reconhecer o quanto e como a empreza é agora, mais do que [nunca, árdua e trabalhosa — mercê da pessima situação economica de quasi todo o mundo — veem hoje pedir esse apoio e esse aplauso para a iniciativa que finalmente é posta em pratica. E não esperam um momento mais tranquilo, e condições mais vantajosas, para lançar a «*Atlantida*», porque entendem que não ha o *direito moral* de esperar mais.

Assim é, com efeito. As circumstancias especialissi-

mas creadas pela guerra europeia, determinaram um irresistivel movimento de solidariedade entre aqueles paizes e aqueles povos que vivem d'um mesmo ideal, que se alimentam da mesma tradição ou que descendem do mesmo tronco originario. Assistimos hoje a um espectaculo prodigioso, dia a dia mais belo e mais fecundo: — na Europa, á união espiritual estreitissima de quasi todas as nações latinas; na America, ao predominio, hora a hora mais seguro, do chamado *espírito americano*.

Parece que chegámos a um instante unico na historia da Terra, em que se vão unir definitivamente, para uma acção de conjunto, os grupos humanos que teem entre si afinidades e relações, que só unidas e amalgamadas poderão produzir o maximo da sua força e do seu esplendor! Os pequenos esforços, os pequenos desejos, as pequenas ambições de cada uma das nacionalidades que talvez venham a compôr uma futura e maior coletividade etnica ou social, fundir-se-hão n'um grande desejo, n'uma grande ambição, n'um esforço formidavel — para maior brilho e utilidade da civilisação do globo.

E', pois, esta a ocasião de se comprehenderem mutuamente, de se estudarem, de se aproximarem uns dos outros, os povos que entre si possuem fortes comunidades de sentimento, afinidades de raça, similhaça de temperamento e de estrutura psiquica. Dentro da vasta familia latina — o Brazil e Portugal são, mais do que nenhuns outros paizes, fraternaes e similhantes. E' uma banalidade afirma-lo. E' uma inutilidade repeti-lo. Acontece, porém, que não se conhecem. Ou conhecem-se tão pouco e tão mal — que esse conhecimento é por vezes peor, na sua

inevitavel injustiça, de que um desconhecimento completo. Portugal, sobretudo, ignora o Brazil.

E' precisamente para que Portugal conheça o Brazil e para que o Brazil mais se aproxime de Portugal e melhor o conheça, que se vae publicar a «*Atlantida*». Fazendo-o, não queremos senão continuar dentro da nossa esphera de influencia, o esforço de comum aproximação que os dois governos — o Brasileiro e o Portuguez — têm desenvolvido e mantido nos ultimos cinco anos, e a que tão notavelmente soube dar realce, quando nosso Embaixador no Rio de Janeiro, o actual Presidente eleito da Republica Portugueza. E' uma obra patriotica esta nossa. E ensinando as duas democracias, que o Oceano Atlantico separa, a melhor amar-se e comprehender-se, a «*Atlantida*» tentará substituir, no dominio intelectual e social, aquele lendario continente que d'antes ligou a America á Europa, e que só seria carinhoso e hospitaleiro se tivesse como ambiente a mesma atmosfera amavel, que nós sonhâmos para sempre estabelecer entre o Brazil e Portugal: — um ambiente de mutuo afeto e de solidariedade perfeita.

A DIRECÇÃO.